

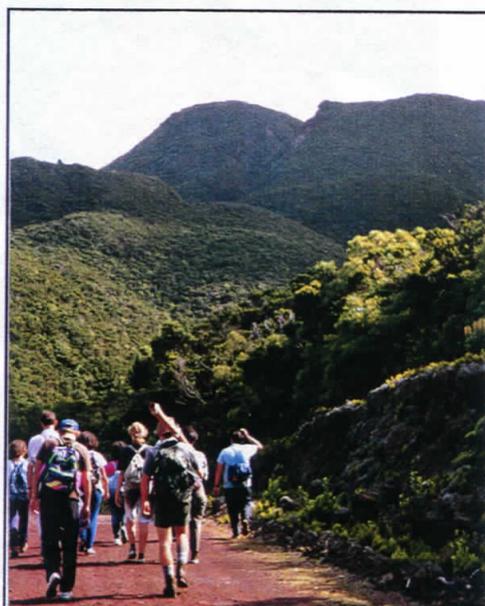
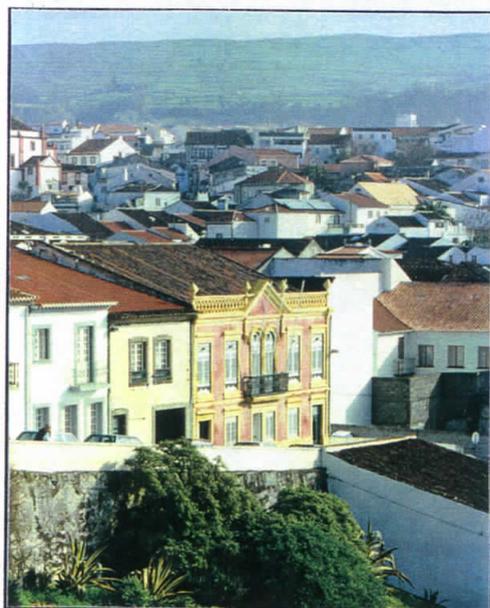
Monkhouse

PINGO DE LAVA



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES



1

1

9

9

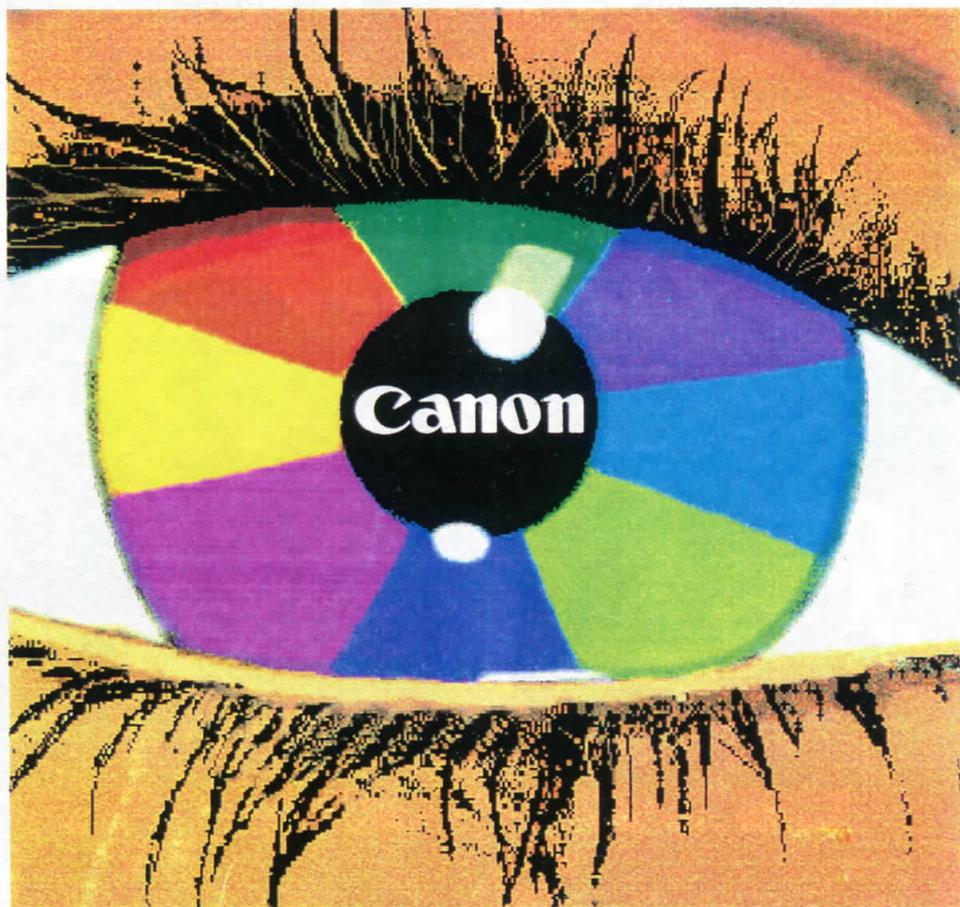
6

9

3

3

Canon



ADALBERTO MARTINS & FILHOS, LDA.

Contribuinte nº512007470 - Capital Social: 45.000.000\$00 - Matricula 301 Cons.Reg.Com.Angra
Rua do Salinas 66 - 2º - 9700 Angra do Heroísmo - Tel.: 24021/2/4 - Telefax: 24943

PINGO DE LÁZULI



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES

NUMERO 25

BOLETIM INFORMATIVO

DEZEMBRO 1993

30.º ANIVERSÁRIO

"Em meu nome, e no de S. Ex^a o Presidente do Governo Regional, gostaria de me associar à celebração, felicitando "OS MONTANHEIROS" pelo contributo muito significativo que efectivamente têm dado neste domínio aos Açores, com projecção neste momento, não só a nível nacional, mas também internacional, onde têm levado o fruto das suas investigações de uma forma que a todos muito nos honra e extremamente dignificante.

Diria que isso só é possível graças ao muito empenho, à dedicação, àquilo a que todos nós chamamos carolice, de um conjunto de pessoas que aqui têm dado o seu melhor, ao longo destes 30 anos, e que fez com que o embriãozinho que nasceu então com muito boa vontade, superasse todas as dificuldades que têm surgido ao longo da sua já alargada história, e chegássemos hoje ao que podemos constatar com os nossos olhos: uma Sede condigna, com toda uma dinâmica e uma capacidade de exposição e de apoio aos mais variados níveis, com uma possibilidade muito grande de proporcionar aos jovens das nossas escolas um valioso instrumento de trabalho, já que os livros e os meios audiovisuais existentes, só por si, seriam insuficientes para uma perfeita compreensão destes assuntos.

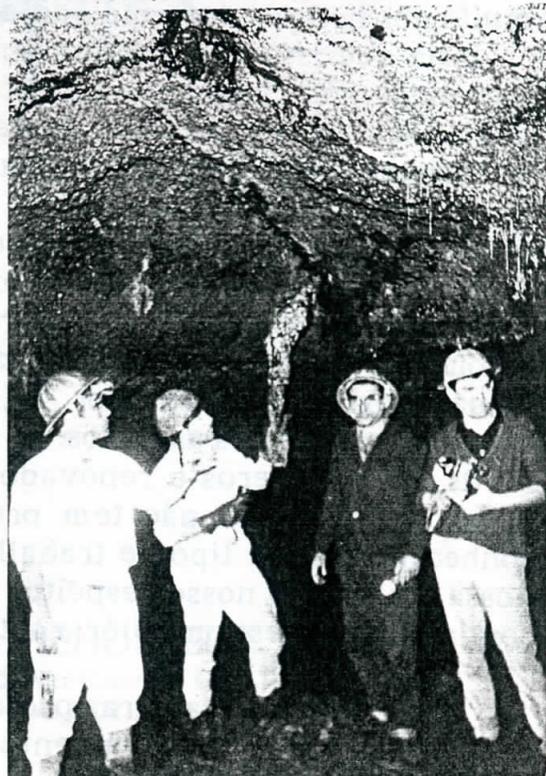
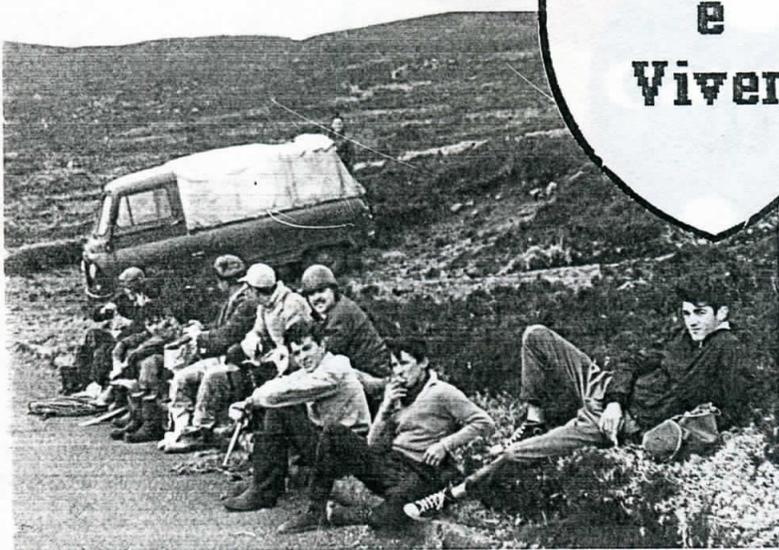
Os meus sinceros e renovados parabéns, com este destaque para o factor doação-dávida, que não tem preço; isto pago, com os custos que todos nós conhecemos neste tipo de trabalhos, não seria hoje em dia viável. Portanto, a nossa gratidão, o nosso respeito, todo o nosso louvor e votos sinceros para que continuem com esta meritória actividade".

(Palavras proferidas pelo S.R.E.C., AURÉLIO DA FONSECA, no encerramento da sessão solene de 30/11/93).

GALERIA DE HONRA



**Recordar
é
Viver**



SESSÃO SOLENE

As comemorações do 30º aniversário de "OS MONTANHEIROS" tiveram o seu início pelas 21H30 do dia 30 de Novembro, com a sessão solene levada a efeito na Sede da Sociedade, onde estiveram presentes vários sócios e convidados, para além das entidades oficiais que se dignaram comparecer ao acto festivo, designadamente o Secretário Regional da Educação e Cultura, que presidiu à sessão, os representantes das Câmaras Municipais de Angra do Heroísmo e da Praia da Vitória, e do Gabinete do Ministro da República para os Açores, para além de outras entidades presentes.

Abriu a sessão o presidente da direcção de "OS MONTANHEIROS", Manuel de Aguiar Silva, que historiou um pouco da vida da colectividade, no passado, como o desvendar dos mistérios que constituíam para a sociedade de então as grutas vulcânicas tão abundantes nas nossas ilhas (e que afinal nada tinham de misterioso, antes pelo contrário), primeiramente de uma forma empírica e, com o aproximar dos anos 80 já com uma perspectiva científica e pedagógica, para o que muito viria a contribuir a Universidade dos Açores, então implantada entre nós.

Referiu, de seguida, os pontos mais relevantes da actividade da Sociedade, em que se destaca a exploração do Algar do Carvão e a sua colocação à disposição do turismo, cujas condições irão ser melhoradas, tendo em vista uma melhor oferta aos que nos visitam.

Focou também outros projectos da Sociedade, entre os quais a construção de uma infraestrutura na Gruta do Natal, com a respectiva electrificação, a reparação dos acessos à Gruta das Agulhas, e a implementação de um atractivo turístico na zona da Serretinha, ampliação da sala-museu, etc. Para além de actividades um pouco espalhadas pelas outras ilhas, designadamente de incentivo e colaboração à exploração das respectivas belezas naturais e de origem vulcânica.

Como referiu, são projectos e, assim, necessitando do apoio das entidades



Manuel de Aguiar, no uso da palavra



oficiais, já que envolvem verbas inoportáveis para "OS MONTANHEIROS" que, todavia, muito já têm feito, considerando as dificuldades existentes. Apelou, assim, à colaboração de todos para que se concretizem esses projectos que só servirão para engrandecer a ilha Terceira e os Açores.

Terminou introduzindo o conferencista da noite, o Doutor Galopim de Carvalho, director do Museu Nacional de História Natural, professor da Faculdade de Ciências de Lisboa, geólogo que trabalhou e participou na feitura da Carta Geológica de Portugal.

Antes de iniciar a sua exposição (de improviso e acompanhada com a projecção de slides alusivos ao tema que lhe havia sido proposto), o orador teceu algumas considerações que aqui queremos deixar registadas;

"Quero dizer que conheço a obra de OS MONTANHEIROS de há muitos anos a esta parte (não direi há 30 anos, embora já trabalhasse em Geologia nessa data), e não faço favor nenhum em dizer que o vosso grupo tem tido uma acção notável no conhecimento do património natural, que cada vez mais é urgente preservar, e acho que com a força que OS MONTANHEIROS hoje têm já não vão ser destruídos alguns aspectos da Natureza que têm sido, ao longo dos anos, violados (e ainda aqui existem alguns exemplos). Penso que cada vez mais a sensibilidade das pessoas vai sendo chamada para a defesa do património natural. No Continente, também temos travado luta muito árdua nesse sentido, e penso que os tempos estão a mudar, havendo a convicção de que nós temos que viver com esta única casa que nós temos, a Terra, que só tem este tamanho. A população mundial é hoje qualquer coisa de astronomicamente grande, e os problemas que se colocam ao desenvolvimento e à preservação do Ambiente são problemas muito sérios (muitas vezes as conversas que os Estados têm em relação ao Ambiente, também as autarquias e as empresas, são altamente hipócritas, temos que constatá-lo!). Há que encontrar um grande equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação do Ambiente. Nós vamos morrer descansados sem grandes problemas de Ambiente, mas garanto-vos que os vossos filhos, os vossos netos, vão sofrer as consequências, se não houver uma grande seriedade e responsabilidade nesta matéria."

Referindo-se, em seguida, ao tema que lhe tinha sido pedido para abordar nesta sessão solene - "A EXTINÇÃO DOS DINOSSAUROS" - o Doutor Galopim de Carvalho disse que tem aceiteado o papel de vedeta neste domínio, que lhe tem sido atribuído pela sociedade portuguesa, apenas em atenção ao que isso tem de importante e significativo junto da população jovem (a quem se dirige a sua mensagem) contribuindo para a sua formação no domínio da protecção do Património e defesa do

Ambiente, e também pelo facto de ser director do Museu de História Natural que, nesse sentido, tem desenvolvido a sua estratégia.

Quanto ao tema propriamente dito, não vamos aqui transcrever tudo o que disse o orador, até pelo estilo da conferência - uma conversa animada com projecção de slides alusivos e artísticos, o que torna particularmente difícil um encadeamento de exposição.

Deixaremos, todavia, nestas páginas, algumas referências proferidas pelo orador ao iniciar a sua lição;

" A extinção dos Dinossauros tem que ser vista num aspecto muito vasto, de uma grande catástrofe biológica que aconteceu há cerca de 65 milhões de anos.

A História da Terra tem 4.600 milhões de anos: é o mesmo que pegar na História de Portugal e fazê-la repetir 1.260 vezes.

O Homem, como criatura inteligente no espaço da Terra, terá dois milhões e meio a três milhões de anos.

A História da Terra está dividida em grandes Eras, as eras em Períodos, e estes em Andares; São designações que os geólogos costumam usar. (Vide Quadro adiante).

Antes do domínio dos mamíferos na Terra, existiu o domínio dos répteis e de alguns animais com afinidades com as aves, a que chamamos hoje Dinossauros, na sequência de designação dada em 1841 por um professor de anatomia inglês (dos étimos latinos deinos = terrível + sauros = lagarto)

Mas não se pense que não havia mamíferos no tempo dos dinossauros; havia-os, mas eram extremamente pequenos, do tamanho de ratos, do tipo insectívoros: eram animais insectívoros do tamanho de ratazanas e apareceram ao mesmo tempo dos dinossauros, há 230 milhões de anos. Viveram sempre numa posição secundária, já que os dinossauros é que encontraram condições propícias ao respectivo desenvolvimento."

A lição do doutor Galopim de Carvalho durou cerca de 45 minutos, sendo registada em video por "OS MONTANHEIROS", pelo que ficará à disposição de visionamento. (Será um complemento científico ao filme "Parque Jurássico", citado pelo orador).



O orador, explicando um slide



MUSEU E LABORATÓRIO MINERALÓGICO E GEOLÓGICO
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TABELA CRONO-ESTRATIGRÁFICA

Adaptação de:
A. M. GALOPIM DE CARVALHO
E TERESA DRAGO
1988



30 ANOS OS MONTANHEIROS 1963-1993



CENOZÓICO					MESOZÓICO					PALEOZÓICO					PRECÂMBRICO				
Millões de Anos (Ma)	FASES OROGÊNICAS	PERÍODO	ÉPOCA	IDADE	Millões de Anos (Ma)	FASES OROGÊNICAS	PERÍODO	ÉPOCA	IDADE	Millões de Anos (Ma)	FASES OROGÊNICAS	PERÍODO	ÉPOCA	IDADE	Millões de Anos (Ma)	FASES OROGÊNICAS	EON	ERA	(Ma)
0.01		QUATERNÁRIO	PLISTOCENO	PLACENCIANO	0.01			sup.	MAESTRICHTIANO	66					250			sup.	800
1.8					1.8					71.5					260			sup.	750
3.4					3.4									264				sup.	700
5.0					5.0									272				sup.	600
8.0					8.0									280				sup.	500
11.8					11.8									288				sup.	400
15.9					15.9									290				sup.	300
16.5					16.5									292				sup.	200
22					22									294				sup.	100
24					24									296				sup.	0
30					30									300				sup.	
34					34									302				sup.	
36					36									304				sup.	
40					40									306				sup.	
44					44									308				sup.	
50					50									310				sup.	
55					55									312				sup.	
60					60									314				sup.	
66					66									316				sup.	
														318				sup.	
														320				sup.	
														322				sup.	
														324				sup.	
														326				sup.	
														328				sup.	
														330				sup.	
														332				sup.	
														334				sup.	
														336				sup.	
														338				sup.	
														340				sup.	
														342				sup.	
														344				sup.	
														346				sup.	
														348				sup.	
														350				sup.	
														352				sup.	
														354				sup.	
														356				sup.	
														358				sup.	
														360				sup.	
														362				sup.	
														364				sup.	
														366				sup.	
														368				sup.	
														370				sup.	
														372				sup.	
														374				sup.	
														376				sup.	
														378				sup.	
														380				sup.	
														382				sup.	
														384				sup.	
														386				sup.	
														388				sup.	
														390				sup.	
														392				sup.	
														394				sup.	
														396				sup.	
														398				sup.	
														400				sup.	
														402				sup.	
														404				sup.	
														406				sup.	
														408				sup.	
														410				sup.	
														412				sup.	
														414				sup.	
														416				sup.	
														418				sup.	
														420				sup.	
														422				sup.	
														424				sup.	
														426				sup.	
														428				sup.	
														430				sup.	
														432				sup.	
														434				sup.	
														436				sup.	
														438				sup.	
														440				sup.	
														442				sup.	
														444				sup.	
														446				sup.	
														448				sup.	
														450				sup.	
														452				sup.	
														454				sup.	
														456				sup.	
														458				sup.	
														460				sup.	



Um aspecto da assistência

Finda a conferência, houve um breve período de perguntas (e consequentes respostas), após o que usou da pavra o Secretário Regional da Educação e Cultura, dr. Aurélio da Fonseca (Vide 1ª página deste número de "PINGO DE LAVA").

Seguiu-se um ligeiro beberete oferecido aos presentes por "OS MONTANHEIROS", com o que foi encerrada a sessão solene.



O Secretário Regional da E.C., no uso da palavra





"OS MONTANHEIROS" E A NATUREZA

Assim se designará o monumento cuja inauguração estava prevista para o dia de aniversário, mas que, por circunstâncias várias, sofreu algum atraso, contando-se todavia, que a mesma tenha lugar ainda no decurso deste ano. No próximo número, daremos notícia desenvolvida.

VOLTA À ILHA A PÉ

Era uma das realizações previstas para decorrer nos dias 4 e 5 de Dezembro, e integrada nas comemorações do aniversário, em organização conjunta com o CLUBE "AR LIVRE". Devido à fraca adesão de candidatos (sempre eram 100 km em 2 dias), o evento ficou adiado para próxima oportunidade. A título de curiosidade, refiram-se os nomes dos candidatos: Alfredo Moniz, Rui Borba e Paulo Mendonça.

ALGAR DO CARVÃO

Esteve aberto ao público na tarde de 1 de Dezembro. Entre os visitantes, é de mencionar, por se tratar de um VIP, Sousa Cintra, presidente da direcção do S. C.P., que nesse dia se encontrava na ilha, acompanhado de outros elementos do grande baluarte do desporto português. Assinou o "livro de ouro" e trocou galhardetes. (Vide fotos).





SUGESTÕES PARA COLECCIONADORES

AS ROCHAS VULCÂNICAS

As rochas que se formam a partir de uma erupção vulcânica são muito variadas. A sua textura é a chave para uma correcta identificação. Procure minerais embutidos, ou espaços vazios causados pelos gases que se libertaram da lava em arrefecimento. A escória (a vulgar "bagacina") é uma cinza porosa que pode tomar diferentes cores e em cujas cavidades se alojam por vezes fragmentos de minerais; a pedra-pome é uma espuma vulcânica tão leve que pode flutuar na água; a obsidiana é uma rocha negra vidrada, formada por lava sujeita a um arrefecimento rápido; etc.

As rochas formadas por cinza solidificada apresentam geralmente cor clara, que vai desde o cinzento, até ao castanho (tufo vulcânico). Diferem de outras rochas vulcânicas porque foram lançadas para o ar em vez de escorrerem pela superfície. É precisamente do material que é expulso pelo vulcão nas suas fases explosivas que vamos falar, dando-lhe uma sugestão de recolha que mais tarde se poderá transformar numa verdadeira colecção.

AS BOMBAS VULCÂNICAS

Ao ocorrer uma erupção, pedaços de matéria incandescente são projectados nas fases explosivas, em que os gases comprimidos no interior da crosta terrestre se expandem, atirando para o ar fragmentos de magma e mesmo pedaços de rochas antigas que formavam as paredes do conduto vulcânico.

De variadas dimensões, estes blocos de lava adquirem frequentemente na sua queda um movimento de rotação e, ao arrefecerem em contacto com o ar atingem o solo geralmente já solidificados e com formas características (normalmente arredondadas devido à fricção do ar).

São as chamadas **bombas vulcânicas** que apresentam muitos e variados aspectos conforme o grau de fluidez do magma expelido e do tipo de matéria que o compõe.

As de forma esférica, surgem quando o material expelido é bastante denso e/ou é grande o movimento de rotação. Outras tomam também esta forma quando a lava ainda em estado líquido envolve fragmentos de rocha sólida mais antiga, algumas vezes de natureza não vulcânica ou pedaços de escória formados em anteriores fases de erupção. São as chamadas bombas de "caroço".

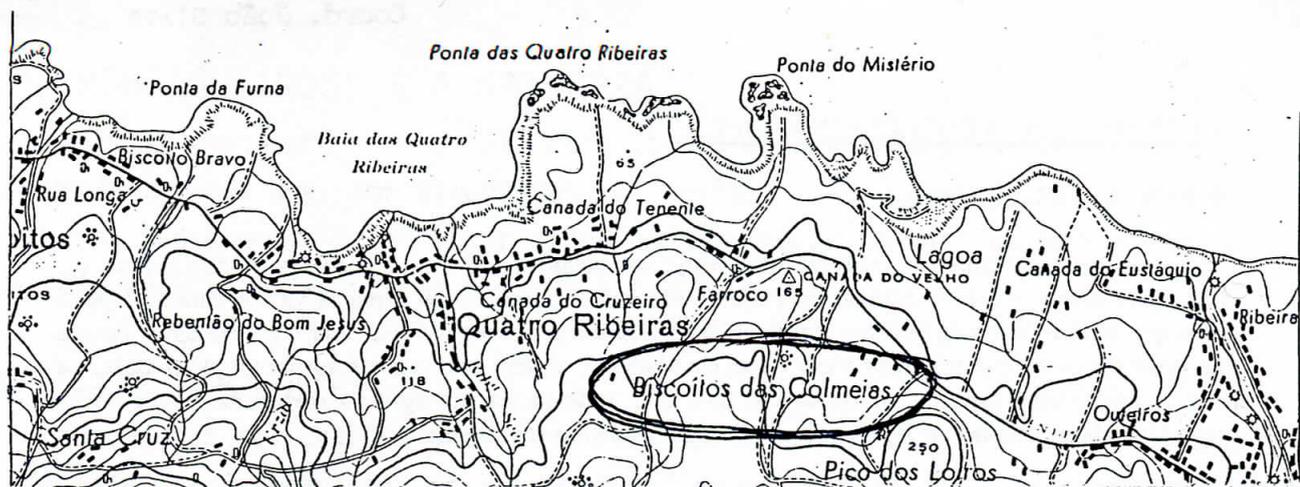
As de forma irregular podem ser fusiformes (em forma de "fuso"), que são como que esguichos de magma que solidificaram em contacto com o ar. Podem ser compridas e achatadas, quando não adquirem no seu trajecto um movimento de rotação, ficando com um aspecto oblongo. São as bombas de "fita". Há ainda de outros tipos tais como aquelas que ao atingirem o solo não estão completamente solidificadas e se esborracham, ficando com o aspecto de "côdea de pão".

CONSTITUIÇÕES E TAMANHOS

Algumas bombas são muito densas, sendo outras no entanto bastante esfareladas devido principalmente aos vazios que contêm e que são originados pela expansão dos gases existentes no seu interior; são constituídas por fragmentos de "espuma" das lavas ácidas que pela sua viscosidade originam erupções com fases explosivas. Tratando-se de uma verdadeira espuma de rocha, este material toma o nome de PEDRA-POME OU POMITE. Com uma constituição química idêntica, mas de aspecto e densidade muito diferentes, existe a rocha de OBSIDIANA originada por um esfriamento muito rápido da lava em contacto com o ar, mantendo-se nela os gases dissolvidos, dando-lhe um aspecto vítreo e uma cor negra muito característica.

(conclui no próximo número)

TRABALHOS DE CAMPO



- ◎ **31 DE OUTUBRO** - Reconhecimento aos terrenos do biscoito da Achada, na busca da gruta mencionada por Fouqué nos seus escritos, quando se deslocou à ilha Terceira em 1867, referindo-a como uma das mais belas da ilha, com mais de 1 km de extensão. Não foi, todavia, ainda desta feita que se logrou encontrar a entrada, provavelmente estará obstruída;

Também se percorreu a área dos Cinco Picos, na tentativa de localização de um algar que se diz existir naquelas paragens. Igualmente baldados os esforços, já que nada se encontrou;

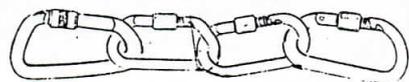
Percorreu-se, então, parte do Biscoito das Colmeias, na zona da Agualva, na tentativa de abrir um atalho até ao Pico Alto ou à Serra do Labaçal. Após se ter caminhado durante algum tempo por uma canada um pouco acima e à esquerda da estrada que dá para a Alagoa, chegou-se a um labirinto de canadas, por entre faias e eucaliptos, altura em que a chuva começou a cair com alguma intensidade, obrigando ao cancelamento do reconhecimento;

(José Maria e Luis Vasconcelos)

- ◎ **21 DE NOVEMBRO** - Início dos trabalhos para a implantação de um monumento no triângulo sito à entrada da estrada do Algar do Carvão. Abriram-se os alicerces e procedeu-se ao respectivo enchimento com pedra e betão. Para além do contratado pedreiro Jorge, participaram também nos trabalhos José Maria, Luis Parreira, Fernando Pereira, José Ficher, Luis Pimentel e Luis Vasconcelos;

- ◎ **1 DE DEZEMBRO** - Dia do aniversário de "Os Montanheiros" - Procedeu-se ao acabamento dos trabalhos no pedestal (de 3 m de diâmetro) do monumento, iniciados dias antes. Além dos contratados Jorge (pedreiro) e servente, participaram ainda José Maria e Luis Vasconcelos;

- ◎ **4 DE DEZEMBRO** - Colocação de terra à volta do pedestal onde será implantado o monumento, que ocupou toda a manhã do dia José Maria, José Ficher, e Luis Pimentel.





AGUIAR SILVA

(CONTINUAÇÃO DO Nº ANTERIOR)

ESCOADAS DE LAVA

Basicamente as fontes de lava dos vulcões de tipo havaiano vertem sob a forma de escoadas de lava.

As escoadas de lava dos vulcões havaianos tipo "escudo" são de dois tipos.

Pahohoe é caracterizada pelo aspecto liso, encapelado ou encordoado fig. 10 e 11; ao passo que lava aa tem a superfície áspera, rugosa e cheia de "agulhas" fig. 12.

Os dois tipos interligam-se, e ocasionalmente é difícil classificar uma escoada ou parte dela como sendo ora uma ora outra.

Mas na maior parte das vezes, contudo, elas são distintas.

Pahohoe é a mais "primitiva" dos dois tipos.

Muitas escoadas emergem das bocas dos vulcões como pahohoe, mudando para aa e avançando encostas abaixo. A mudança, de aa para pahohoe, não ocorre, embora raramente pahohoe possa correr por debaixo da escoada aa e emergir mais abaixo dando a falsa aparência de uma escoada mudando de aa para pahohoe.

Análises químicas de fragmentos solidificados de ambos os tipos de lava mostram que não há diferença consistente entre elas.

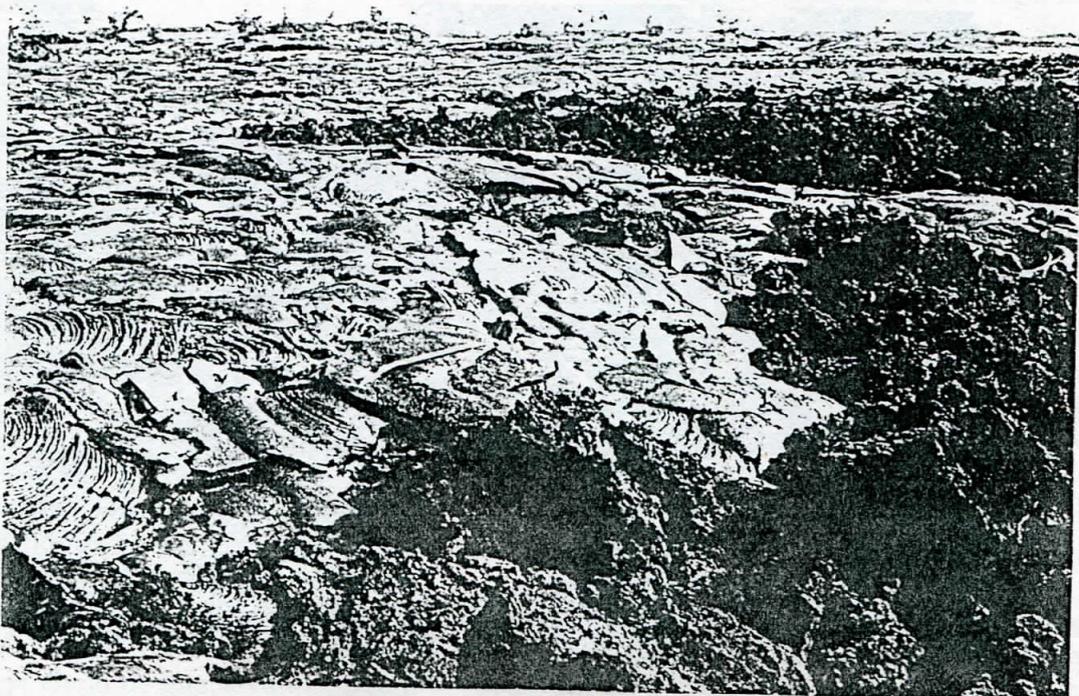


FIG. 10

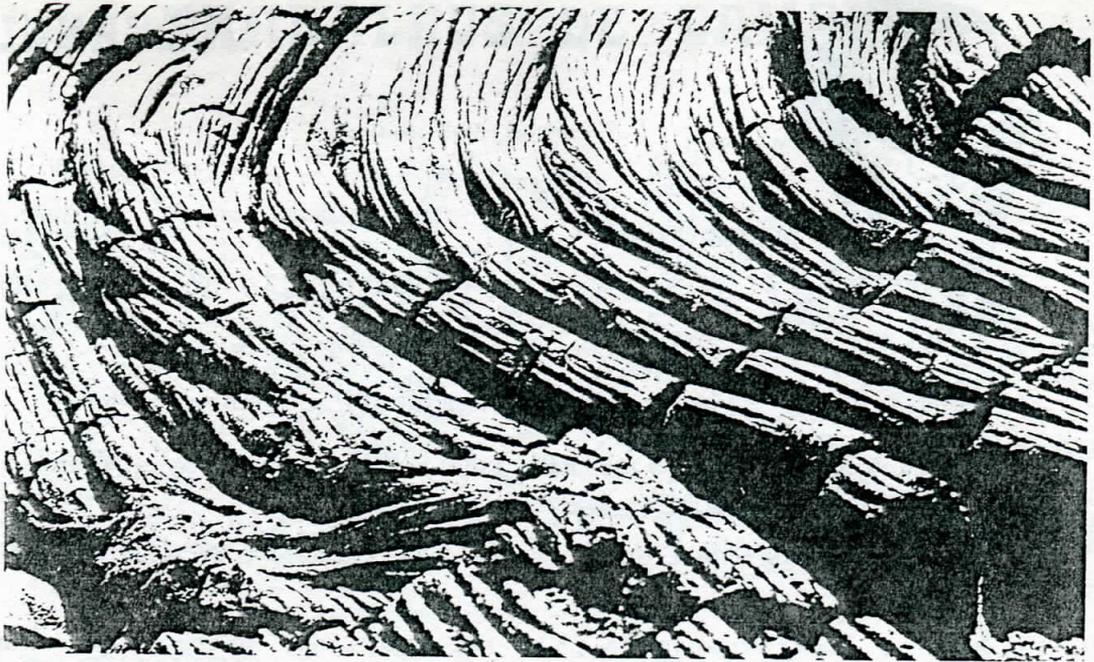


FIG. 11

Quer uma quer outra dependem do estado físico da lava e da quantidade de movimento que sofrem.

Na lava mais viscosa, é maior a tendência para tornar-se aa.

Da mesma forma o maior movimento que sofre, aumenta a tendência para aquela mudança.

A última é ilustrado pelo facto de partes da mesma escoada pahohoe descendo uma encosta suave e caindo num penhasco permanecer pahohoe na encosta suave mas mudar para aa ao cair no penhasco.

Em alguns casos aa é emitida directamente da boca, aparentemente como resultado do movimento vigoroso do líquido pela inusitada violência da fonte de lava.



FIG. 12

(CONTINUA NO PROXIMO NÚMERO)

"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES", Mr. F. Fouqué, 1873

(CONTINUAÇÃO)

A' medida q' o sol se erguia sobre as cristas dos montes, aproximavamo-nos do ponto designado pelas informações vagas que me tinham dado em Angra. Deitavamos de tempos a tempos a sonda para reconhecer se existia n'aquellas paragens alguma desigualdade inesperada na profundidade do mar. Chegamos em fim ao termo da viagem; mas vestigio algum se via da erupção, nem modificação na configuração do solo sub marino, nem alteração alguma na temperatura ou na cor do mar. Depois d'uma hora empregada em vãs pesquisas, iamós tomar novamente a direcção d'Angra quando um dos tripulantes fez-nos notar a pouca distancia um ponto aonde se via uma leve ebulição. Uma extensão de mar apenas de alguns metros quadrados estava agitada por umas bolhas gasozas succedidas por exhalações intermitentes que vinham desfazer-se em espuma á superficie d'agua.

Estava ali o ultimo phenomeno da erupção. Não tratarei de descrever a satisfação que me causou esta descoberta; só aquelles q' se teem entregue a empresas destas podem comprehender o momento de satisfação que se experimenta em semelhantes conjuncturas. Foi-me preciso moderar as expansões de alegria em presença dos olhares estupefactos da tripulação.

Empregaram-se aparelhos de diversas formas para recolher os gazes naturaes que se desprendiam atravez uma toalha d'agua. Esses que eu já havia adoptado são simples funis de vidro, largos na bocca e munidos de torneira ao nivel da parte onde estreitavam. Fechada a torneira, o instrumento é cheio d'agua e emborcado rapidamente no mar sobre as bolhas, que pouco a pouco vem occupar toda a capacidade. Logo que esteja cheio de gaz, levanta-se com

ajuda d'um balde posto cautelosamente por baixo do apparelho que assim se recolhe para dentro do barco. E'ahi que tem logar a segunda serie d'operações, que tem por fim arrestar a conservação e transporte do fluido colhido. Trata-se agora de fazer passar o gaz do funil para o interior de compridos frascos cylindricos estreitos n'uma das extremidades.

Estes vasos, nos quaes o vacuo fora d'ante-mão preparado por meio de machina pneumatica, são fechadas afogo. Com um tubo de caoutchu ajusta-se-lhe a extremidade ao bico do funil do qual se abre a torneira, depois quebra-se a extremidade estreita do frasco, e o gaz precipita-se com força no interior do vaso. Quando o ruido que indica a passagem do fluido atravez a parte estreita tem cessado, fecha-se novamente o frasco na extremidade delgada empregando o fogo forte do maçarico; o gaz acha-se então perfeitamente preso e susceptivel de se conservar intacto indefinidamente. Aguarda-se então occasião propria para fazer a analyse no laboratorio.

No entanto estas pequenas operações tão simples encontram na pratica obstaculos ignorados n'um gabinete commodamente arranjado. A superficie do mar raras vezes está socegada como o sobrado nivellado d'um laboratorio. As correntes frequentemente arrastam o barco d'um para outro lado sem poder mantel-o estacionario, e, quando á força de paciencia e habilidade dos barqueiros se chega a vencer esta difficuldade, o movimento das ondas torna ainda muito penosas as funcções do operador que deve conservar o apparelho mergulhado na agua n'uma posição difficil de sustentar. Frequentemente mal á tarefa parece quasi finda e que nos felicitamos por poder cedo sair da



posição forçada que se é obrigado a conservar, vem uma grande vaga que levanta subitamente a embarcação; o funil fica suspenso, penetra-lhe o ar atmosphérico, mistura-se com o gaz recolhido, e o trabalho começa de novo. Quando se faz preciso soldar os frascos a difficuldade não é menor; a luz brilhante do dia impede-nos de ver a chamma, o vento fal-a vacillar e frequentemente apaga-a.

Uma lanterna de forma especial é quasi necessario para se poder derreter a extremidade de vidro pontaguda que se quer soldar; ainda se faz preciso a maior parte das vezes que nos agachemos no fundo do barco, sob o tombadilho, para estar ao abrigo das rajadas de vento.

Alguns tubos graduados de construção simples e um pequeno numero de reagentes deixão conhecer immediatamente a composição qualificativa da mistura gasosa. Em geral, estes mixtos recolhidos na agua, em torno dos volcões, são tanto mais complexos e ricos em hydrogeneo se proveem de sitios aonde a acção volcanica é mais intensa. E' o que sobretudo offercem os gazes colhidos na Terceira de mais saliente. A presença do hydrogeneo livre ou de seus componentos mais simples nos productos gasozos de semelhante origem é um facto de summo interesse. Não é maravilhoso ver estes gazes, de todos os corpos conhecidos, o mais subtil, sair das profundidades do solo? Que força poderosa o reteve ali? Que acção molecular presidio á produção deste corpo? As propriedades chimicas do hydrogeneo o collocam acima dos metaes, a par com o mercurio e a platina, de que se aparta consideravelmente por suas qualidades phisicas. O facto da existencia de minas de hydrogeneo, como as de metaes propriamente ditas, nas entranhas da terra, facto levado á evidencia por essas erupções gasozas submarinas, vem aqui confirmar as induções atrevidas dos chimicos: tende igualmente a estabelecer certa relação entre a constituição do globo terrestre e a do sol, que depois das descobertas spectroscopicos, é um immenso reservatorio de hydrogeneo. Semelhante aproximação ultrapassa sem duvida o alcance do facto menos importante aonde a imaginação busque a origem; mas qualquer que seja o valor absoluto não se

deve desprezar, por isso que ao menos tem o merito de promover uma serie completa de experiencias e observações necessarias para lhe verificar ou invalidar a exactidão.

Depois da viagem maritima cujos eventos mais notaveis acabo de expôr, dei por concluida a principal missão da minha viagem aos Açores. Para concluir a execução do plano que traçara antes da minha partida de França, restava-me tão somente emprehender com socego a exploração geologica d'algumas d'estas ilhas; mas o vapor da carreira fazendo apenas uma viagem por mez de ida e volta aos Açores, vi-me demorado quasi quatro semanas ainda na Terceira. A navegação de navios de vela entre as ilhas não é regular, e desde o equinoxio do outomno até á primavera é sujeita a perigos, ou pelo menos a grandes intervallos. A falta de portos d'abrigo na maior parte da costa, a quantidade de recifes, a profundidade do mar á borda das rochas, os frequentes temporaes, dão logar a muitos sinistros. Não é nada raro na estação invernoza ver-se uma embarcação distanciada da sua derrota por ventos contrarios e violentissimos. Ha alguns annos, dous irmãos de Santa Maria, querendo passar generos da sua ilha para San Miguel, foram accommettidos por um vento do oeste, tão forte e persistente que tiveram d'arribar a Lisboa. Chegaram á entrada do Tejo ao cabo d'onze dias sem que o temporal lhes concedesse um momento de repouso. Um outro barco, carregado de madeira de San Jorge para a Terceira, foi levado pela acção combinada do vento e da corrente d'uma das ramificações do *gulf-stream* e encontrado a mais de 200 leguas ao noroeste dos Açores. O cazo mais singular é aquelle d'um juiz que, regressando á Terceira da sua correição annual á Graciosa e San Jorge, foi arremessado ás costas do Brazil, d'onde foi conduzido a Lisboa; de la tornou para os seus patrios lares, depois de haver feito uma digressão bem differente da que tinha por costume fazer.

(CONTINUA)

SPELEOVIMES - 93

○ Pico

Ei-lo erguido do seio das vagas
Ei-lo altivo de nuvens cingido,
O seu cume de tom denegrido
Escalando esses plainos do ceu.
Nas encostas a prumo que descem
Té às praias de pedras bem soltas,
Ha vestigios de grandes revoltas
Das crateras que o tempo venceu.

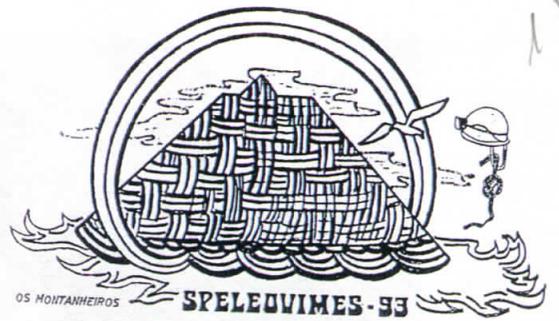
Ainda alli, n'esse solo fremente,
Que foi prêza do fogo da terra,
Nos abysmos profundos da serra,
Ou nas fendas sem musgos, nem luz,
Ha segredos p'ra sempre vedados,
Ha estrondos medonhos, soturnos,
Convulsões de combates nocturnos,
Cujo fumo sahindo traduz.

Quem descesse, talvez no seu seio
Encontrasse lagôas gigantes,
Incendidas em chamas brilhantes,
Agitadas quaes ondas do mar,
Galerias d'enormes penêdos,
E florestas de cedros, queimadas,
Semelhando marmoreas portadas,
Aquaductos p'r'a lava passar.

É alli, acredito, que mora
De Vulcano algum filho engeitado,
E vagueia sozinho, algerado,
N'essa immensa profunda prizão.
E por vezés batendo com furia
Contra os muros de pedra candente
Treme a terra em redor de repente,
Nas cavernas restruge o trovão.

Mas na face da grande montanha
Que vinhêdos tão ricos de seiva,
Que verdura dos serros na leiva,
Que thesouros beijados do sol !
Nos festões que se cruzam viçosos
Ha riquezas de côr tentadora,
Entre gratos perfumes de Flôra
De topazios um vasto lençol.

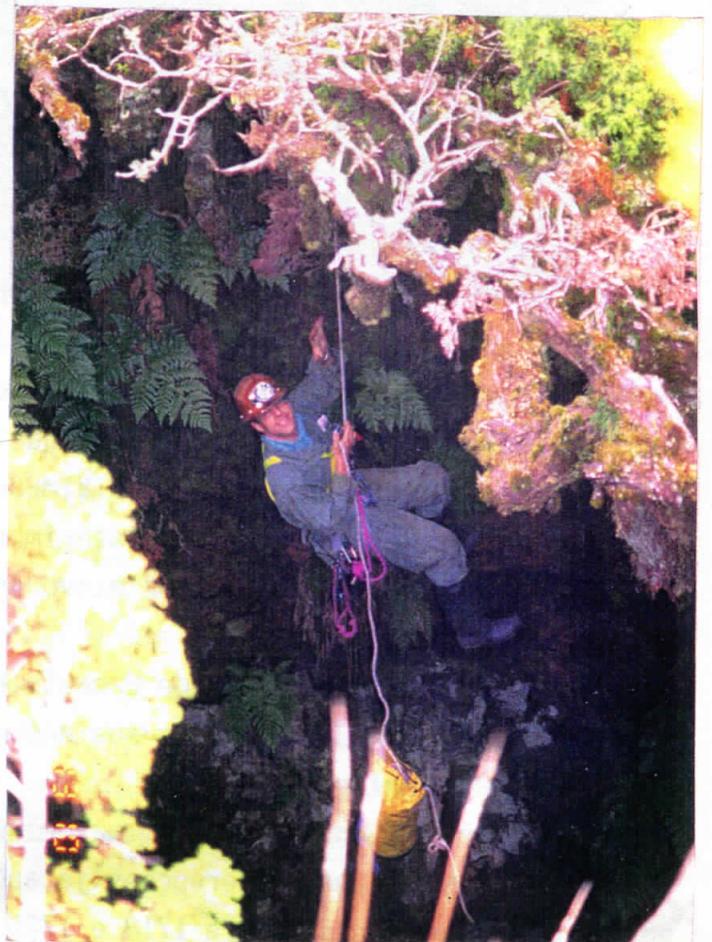
O mysterio de pedra revolta
Denegrida, angular e ingrata,
Tem grandeza de assombra, retrata
A grandeza imponente do mar.
De distancia em distancia só vemos
Uma mouta de louros, de faias,
Quaes pharoes que plantados nas praias
Vem cançado romeiro guiar.

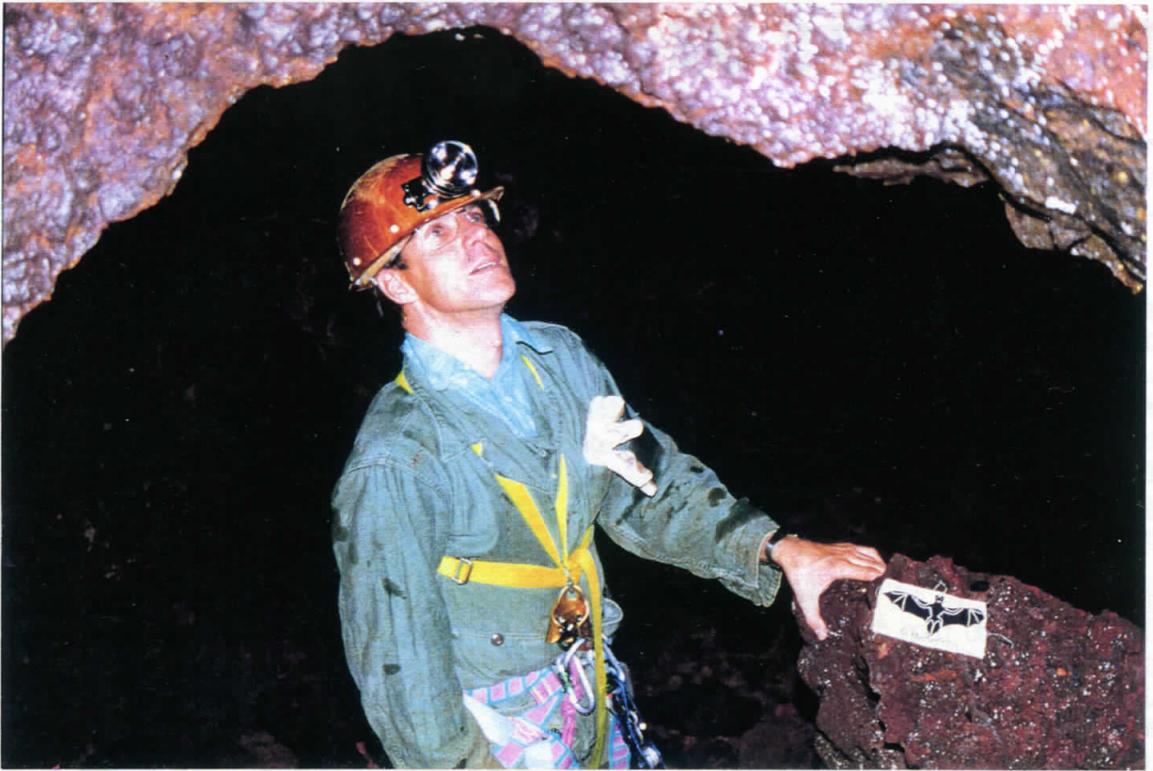


Que canções tão sonoras, tão fortes,
As do melro n'essa hora ao sol posto,
Desejos d'amante, faz gosto
Caminhando taes notas sentir;
E depois o poeta dos mattos,
Se chegamos às ramas copadas,
Abre as azas, desfere rizadas,
Arrojando-se em louco fugir.

As restêvas alli tem mais cheiro,
As amoras mais grato perfume,
Não ha vista que iguale a do cume
Da montanha que o fogo rasgou,
E d inverno vestida de neves
Apresenta mil tons cambiantes,
Roseas nuvens, quebradas brilhantes,
Quando a luz da manhã lhe tocou !

(Do poema "MERCES"-Crónica Açoriana,
ERNESTO REBELO, Jornal do Grémio Li-
terário Faialense, nº22 , 1/4/1881)





No fundo do Algar da Arrulheta, deixando a "chancela"...

Iniciamos o relato do que foi a Missão "SPELEOVIMES-93" com a inserção (de um excerto do poema "Mercês" (página anterior). E fazêmo-lo, não apenas por se tratar de versos relativos à Ilha Montanha, mas também por terem sido escritos, há mais de cem anos, por um dos maiores vultos das letras açoreanas do séc.XIX.

Com efeito, ERNESTO REBELO, embora nascido em Lisboa em 1842, e de mãe francesa, era faialense pelo lado do pai, tendo vindo aos 2 anos de idade para a cidade da Horta, onde faleceria em 1890. A sua obra é vasta, tendo cultivado diversos géneros literários, desde a investigação histórica e biográfica à etnográfica, desde a poesia ao jornalismo, etc.

E foi este insigne escritor faialense que inspirou a missão espeleológica que "OS MONTANHEIROS" levaram a bom termo na primeira semana do passado Outubro.

Como se pode ler nas páginas centrais deste número de "PINGO DE LAVA", descobrimos nos arquivos jornalísticos açoreanos um texto de Ernesto Rebelo, dando-nos notícia da existência de uma bela furna que ele visitara no 3º quartel do passado século. Era conhecida por FURNA DOS VIMES, daí a SPELEOVIMES-93.

Para além destes dois textos, inserimos também nestas páginas outro excerto do poema "Mercês", denominado "1718" e evocando a célebre erupção que então se deu na encosta da grande Montanha.

Homenageamos, assim, o grande Ernesto Rebelo que nos legou esplêndidos textos literários, e a Ilha do Pico e a sua enorme Montanha, verdadeiro tesouro para os amantes da espeleologia.

O Pico é a ilha dos Açores com maior número de aparelhos vulcânicos bem conservados (107), registando-se erupções já após a colonização, sendo as mais recentes no período compreendido entre 1718 e 1720.

19
Sob o ponto de vista geológico e estrutural, a ilha divide-se em duas grandes zonas e respectivas dependências: a Montanha, a ocidente, e o planalto da Achada, a oriente.

Toda a parte ocidental da ilha é formada por extensos campos de lava, cujos derrames provêm das várias bocas localizadas na base da montanha ou dos aparelhos secundários situados ao longo das principais fracturas existentes na sua periferia. Algumas fracturas têm uma disposição radiada em volta da Montanha, enquanto outras apresentam uma orientação geral NW-SE, no prolongamento das falhas da ilha azul. Apresenta numerosos cones vulcânicos com crateras mais ou menos destruídas.

Foi nesta área que incidiram os trabalhos da Missão SPELEOVIMES-93, que agora vamos descrever.



Na espectacular entrada da "Fenda dos Frisos"

Jorge Silva, José Bettencourt, Manuel de Aguiar, Luis Vasconcelos, Luis Pimentel, José Maria, José Ficher e João Magina foram os oito elementos que constituíram a equipa de "OS MONTANHEIROS" que executou esta missão, sendo os três primeiros pertencentes à "velha guarda".

Os objectivos propostos eram os de continuar o inventário e exploração das grutas e algares picoenses, para o que se contou com a prévia colaboração do núcleo de espeleologia do C.A.I.P., conhecedor da localização das cavidades a explorar, designadamente o Albino Garcia e o Manuel Gonçalves. Também viriam a ser muito importantes os dados fornecidos durante a expedição pelo José Nunes, condutor da viatura posta à disposição da equipa pelo departamento governamental de Obras Públicas do Pico.

A missão partiu da Terceira pelas 09H45 do dia 1 de Outubro, tomando lugar no AVIOCAR da F.A.P., pilotado pelos majores O.Santos a A.Miranda e 1ºsargento Pinheiro, que aterrou no aeródromo do Pico cerca de 40 minutos depois. Contactada telefonicamente a Câmara Municipal de São Roque, esta disponibilizou o transporte que conduziu o grupo até à Madalena, tendo a equipa ficado instalada nas dependências da Casa do Povo. A manhã do dia 1 foi ocupada, pois, nestas operações logísticas de transporte e instalação do pessoal.

Pouco depois das 14H00 tiveram início os trabalhos de campo, com a ida para o cabeço de Manuel João (situado nas proximidades do já anteriormente explorado Cabeço do Bravo), a fim de se vistoriar o Algar do Caixeiro (A - no mapa). As condições atmosféricas não se mostravam, entretanto, as melhores, chovendo e fazendo nevoeiro, a espaços. Mas, chuva terrena não molha espeleólogos...

A exploração deste algar ocupou o resto da tarde, pois tratava-se de uma cavidade de proporções apreciáveis, com cerca de 70 metros de profundidade. Foram 3 os elementos da equipa que procederam à descida e exploração. Como acontece na



Na Gruta dos Cortiços



Na Fenda dos Frisos



Na Gruta do Tirana

generalidade dos algares deste tipo, no fundo encontravam-se grandes desabamentos que taparam eventual continuação do tubo lávico. Devido à sua configuração física, a equipa exploradora atribuiu-lhe também a designação de "Algar da Ampulheta". Exteriormente, verifica-se estar implantado numa bem definida cratera, no cimo do referido cabeço de Manuel João.

O regresso à Madalena verificou-se já de noite, pelas 19H30. Após o jantar, houve uma reunião com alguns elementos do G.E.A.D.A. (Grupo de Espeleologia, Alpinismo e Defesa do Ambiente), onde se planearam os trabalhos para os dias seguintes e se tentou obter a garantia de um gerador para as filmagens das grutas, o que só seria conseguido na manhã do dia seguinte.

No dia 2 de Outubro, após se ter contactado a família Castro, na Criação Velha, conseguiu-se o empréstimo do gerador, como aliás havia acontecido aquando da Missão Torres-91. E então, na restante parte da manhã, procedeu-se à filmagem, reportagem fotográfica e algumas medições da FURNA DOS VIMES, na Serra das Velhas (B - no mapa), visitada, como se disse, por Ernesto Rebelo no século passado.

Apenas se explorou e filmou uma parte da gruta, já que a mesma se encontrava entulhada para montante, por motivos de amanho de pastagens com máquinas agrícolas. Trata-se de um tubo lávico interessante, com algumas formações específicas, designadamente estalactites e estalagmites, mas de pequenas dimensões considerando os termos em que a mesma foi descrita pelo ilustre escritor faialense, o qual terá estado na parte para além do entulhamento referido.

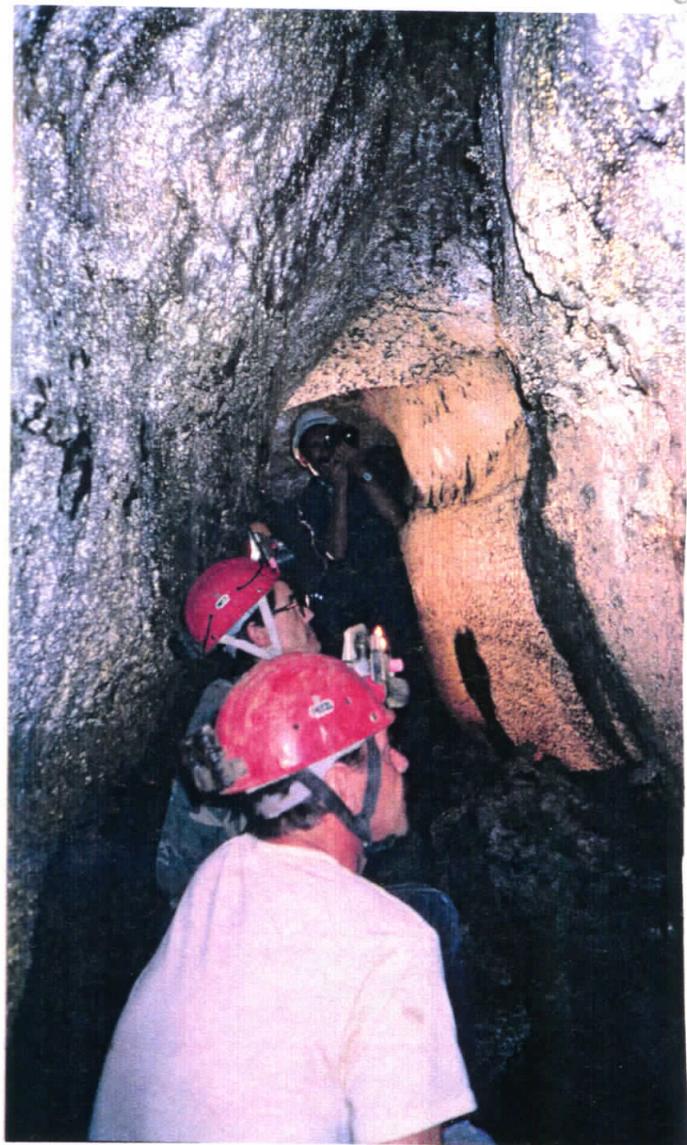
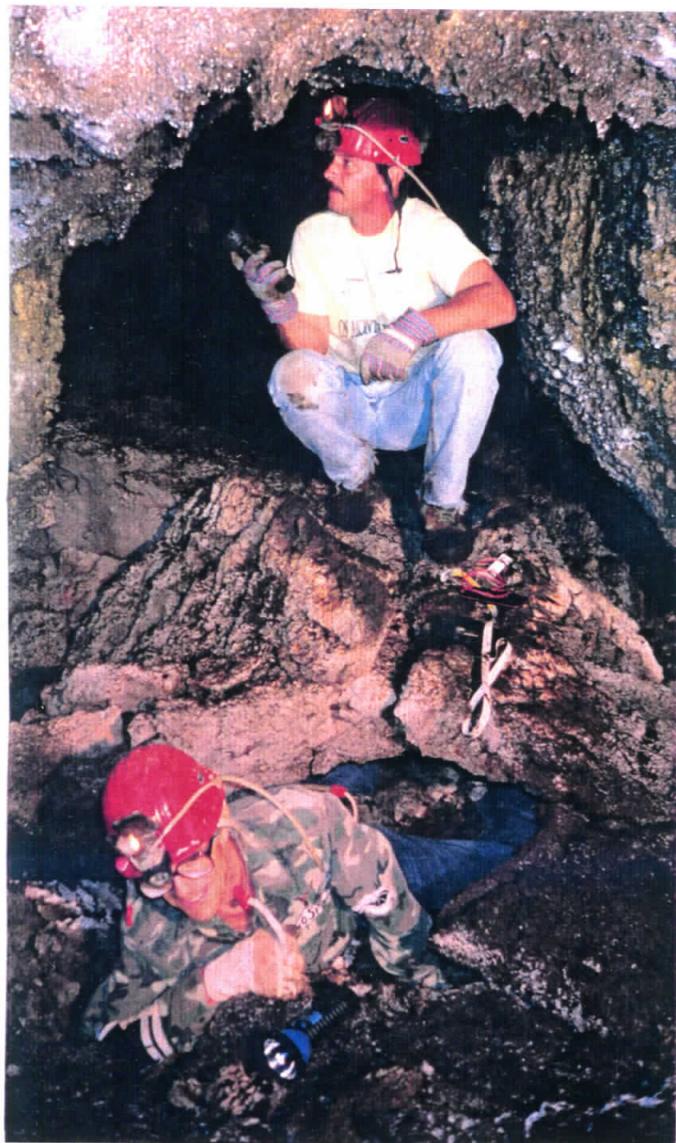


Albino Terra Garcia, o feliz proprietário da Gruta dos Túmulos, deleitando-se com as belezas do seu tubo vulcânico das Bandeiras

Após o habitual "almoço" volante (sandwiches e sumos), seguiu-se para a FENDA DOS FRISOS (C - no mapa), situada alguns quilómetros para baixo da Furna dos Vimes, nas proximidades do Cabeço Queimado. Esta fenda é, nem mais nem menos do que o acesso a uma gruta de grandes proporções, com desníveis acentuados de terreno e situada a pronunciada profundidade. Foi feita uma pequena vistoria (com escada própria) por quatro elementos da equipa, os quais percorreram cerca de 50 metros, até depararem com um desnível, constatando que uma exploração adequada requeria vários dias e uma perfeita segurança, dadas as características de risco envolventes. Ficou a aguardar oportunidade para o efeito, numa próxima deslocação de "OS MONTANHEIROS" à ilha do Pico.

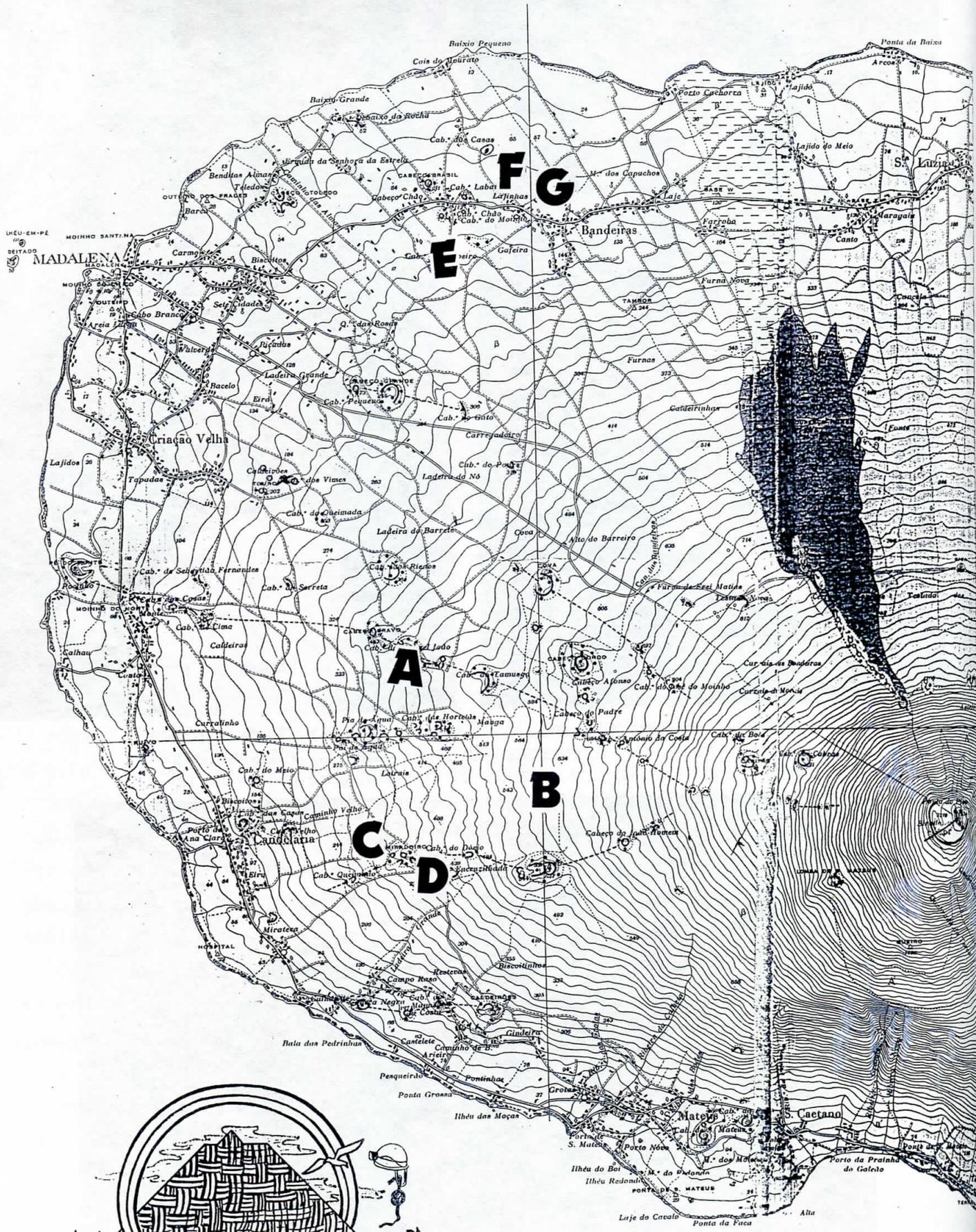
Cerca das 16H00 rumou-se para o ALGAR DO MIRADOURO (D - no mapa), um pouco para cima da Fenda dos Frisos, na encosta da Montanha, onde, segundo referiu o José Nunes, os criadores de gado costumavam depositar, por arremesso, reses mortas ou moribundas, daí advindo um cheiro nauseabundo que incomodava os proprietários dos terrenos em redor. Segundo ele (que há anos procurava debelar esse mal), dataria talvez de há mais de 1 ano o último "despejo", dada a apertada vigilância que ultimamente se fazia.

Examinado o algar, do exterior, logo se constatou que, dado o adiantado da hora, a exploração teria que ficar para outro dia, já que não era perceptível a dimensão e profundidade do algar, e urgia tomar as devidas precauções.

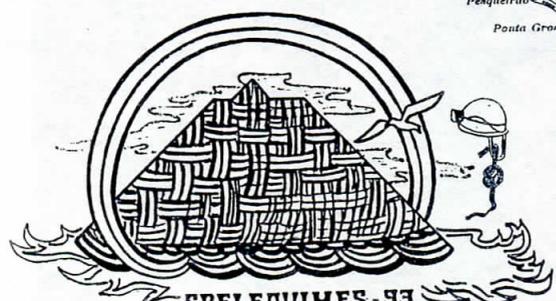


Em cima (à esquerda e à direita) dois aspectos da exploração da histórica Furna dos Vimes, sita à Serra das Velhas. Em baixo: uma belíssima panorâmica de uma secção do tubo vulcânico que constitui a Furna de H. Maciel





LHEU EM PE
 SEITADO
MADALENA
 MOINHO SANTINA
 MOINHO DO MONTE



OS MONTANHEIROS **SPELEOVIMES - 93**

ILHA DO PICO

A SERRA

Quando no verão os primeiros raios do sol vem dissipar as nevoas da noite, poizando ainda sobre as povoações, e que o Pico, imponente e gigante, se apresenta ao espectador na sua nudez severa, é realmente magestoso esse quadro que só achará rival na estação invernos, quando a neve vem tingir de longas toalhas brancas todos aquelles campos, reflectindo brilhantemente a claridade do dia, imitação ainda que limitada dos bellos pincares da Suissa.

Se as insignificantes aldeias do Pico, nem pelo lado pictoreco, nem pelas distrações que offerecem, valem a pena de que grande numero das familias elegantes do Fayal ali vão passar o estio, tendo na sua ilha tão lindos e amenos sitios, é porém incontestavel que a proporção que o caminheiro se afasta dos povoados e vai lentamente elevando-se do litoral panoramas encantadores e variadas scenas se desenrolam a seus olhos, e que a natureza sempre grande, bella, e magestosa, reúne n'aquelle volcanico solo uma das suas mais selectas paginas.

Fallaremos agora, tão somente, da serra como denominada é a parte media da montanha, vasta e immensa extensão quasi plana que circunda a ilha.

A charneca tão bem descripta pelo visconde d'Almeida Garrett nas Viagens da minha terra dará uma aproximada ideia d'aquelle sitio. A duas horas de caminho do povoado, e depois de havermos trilhado uma longa estrada, deixando já ao longe as ultimas cabanas aonde os camponeses recolhem pasto, abre-se então o campo livre e sem arroteamentos.

O terreno é um pouco queimado e d'espaço a espaço pequenas moitas de urze, ou então grandes tapetes de musgo fôfo e macio, se estendem a perder de vista.

O silencio é ali profundo, o ar balsamico e a solidão completa. As veses somente o fremir das asas de um bando de passaros fugindo apressados á vossa chegada ou então em distancia o canto monotono e triste do pastor conduzindo vagaroso um alvo rebanho, quebrar vem aquella tranquillidade.

Não sei que doce recolhimento d'alma nos visita n'aquellas paragens e como a ideia de um Deus, bom, solemne e caridozo para a pobre creatura nos entra tão fundo no coração.

Ha certas bellas difficéis de descrever por isso que fallam mais á alma do que á vista, neste numero consideramos a serra.

Caminhando ainda para o sul, existe uma pequena caldeira, no fundo da qual se encontra uma fonte da mais bella é cristalina agoa, cer-

cada de flores silvestres e junto da entrada da Furna dos Vimes.

Circundado de alguns rochedos um verdadeiro portico se abre, apresentando á vista uma extensa galeria, cujo fundo jaz envolto em trevas.

Torna-se difficil o ingresso nesse extensissimo subterraneo, é munido de archotes que os raros visitantes ali vão, e geralmente as suas excursões pouco avançam para o interior.

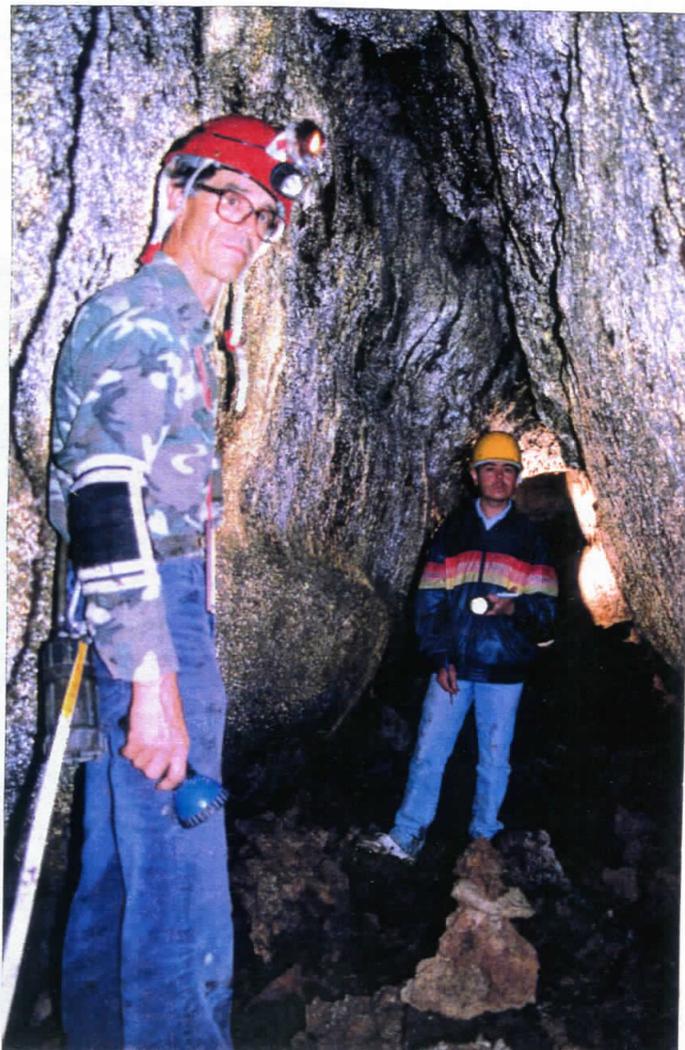
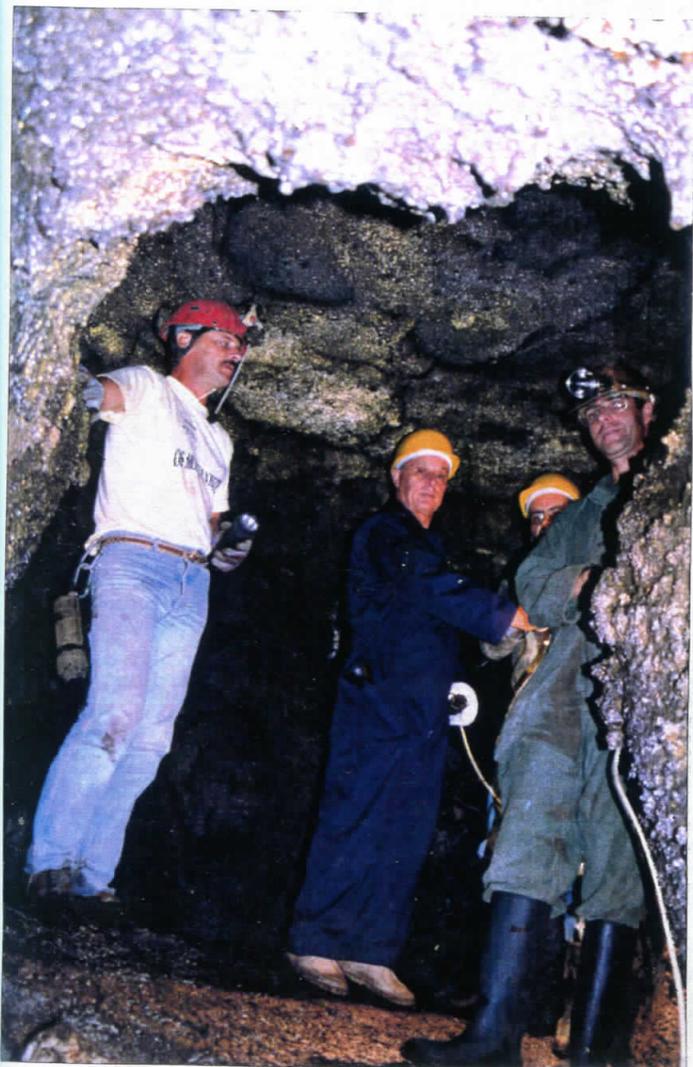
Ha porém ali immensos e largos corredores, vastos salões, cujas entradas apenas dão passagem a uma pessoa, e altas abobadas das quaes pendem formosas stalactites, que á luz vacillante e avermelhada do facho, dão áquellas regiões sombrias um aspecto bisarro proprio dos contos das Mil e Uma Noites.

Onde condusem porém esses subterraneos? — Que extensão medem? — E' o que ainda se ignora.

Em todo o caso quando pela primeira vez visitamos aquella Furna e que depois de uma meia hora de divagações por aquellas gallerias voltamos a encontrar a sahida e com ella o sol, o ar, os campos e os junquillos da fonte, pulsa-nos alegre o coração, como ao despertar de um mau sonho encaramos prazenteiros a aurora que nos traz a tranquillidade e a alegria.

Horta, & de Fevereiro de 1868.

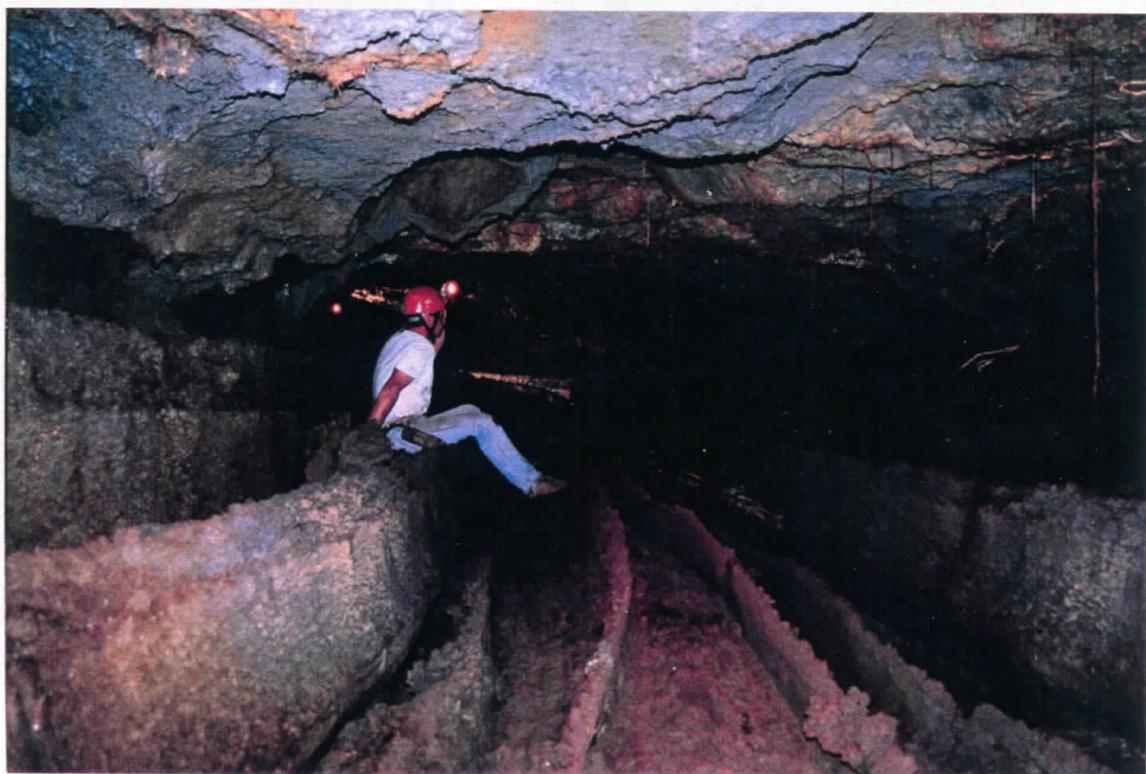
(ERNESTO REBELO, Jornal do Grémio Literário, A. Heroísmo, nº 3, 1 de Março de 1868)



"OS MONTANHEIROS" na Furna dos Vimes



Dois aspectos da fenomenal GRUTA DOS TOMULOS, sita às Bandeiras, em terreno do Albino Garcia, podendo em ambos os casos verificar-se da espectacularidade de algumas das formações deste curto mas interessantíssimo tubo de lava que "OS MONTANHEIROS" tiveram ocasião de, pela 1ª vez, visitar (filmar e fotografar) durante a SPELEOVIMES-93.





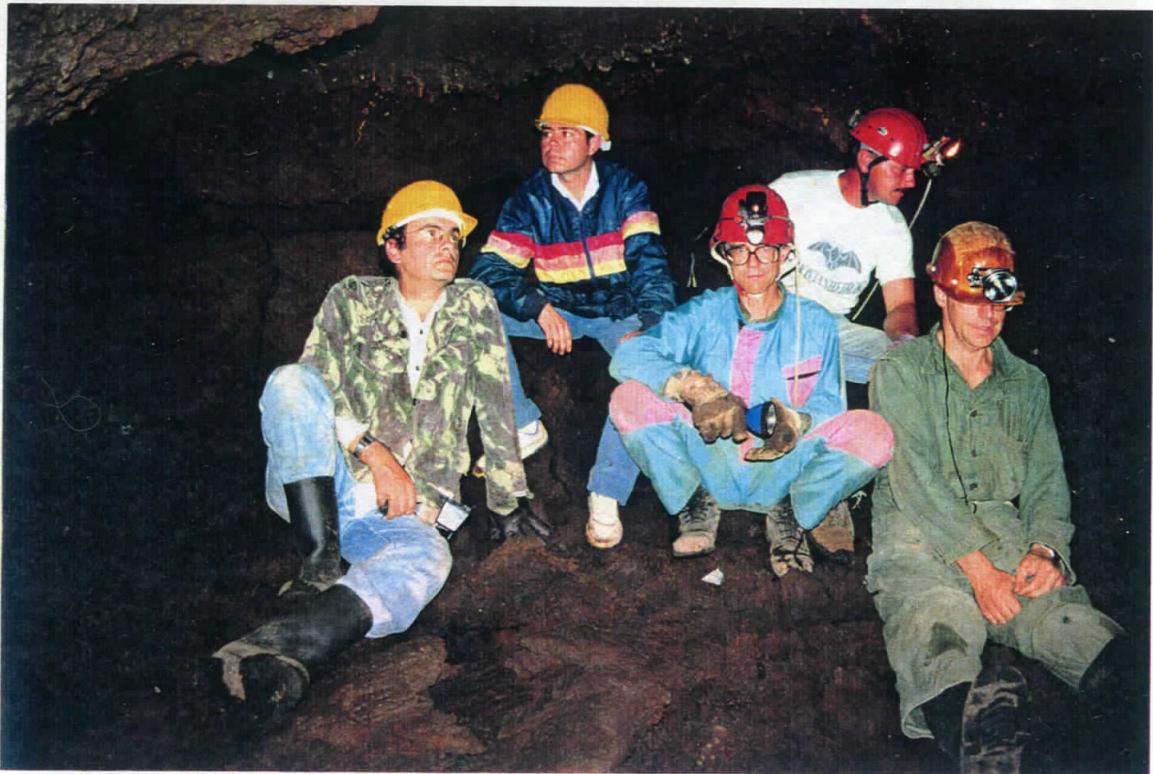
Um aspecto da Gruta dos Cortiços, em que se pode observar a profusão de raízes que pendem do tecto do tubo vulcânico

O dia 3, domingo, foi inteiramente dedicado a filmagens a grutas, designadamente na área da freguesia das Bandeiras.

Primeiramente, de manhã, filmou-se a GRUTA DOS CORTIÇOS (E - no mapa), situada no Cabeço Chão e ainda pertencente à freguesia da Madalena. Trata-se de um tubo de lava de pequenas dimensões, mas com a particularidade de possuir enorme número de raízes, designadamente numa zona em que a gruta tem cerca de dois metros de altura por quatro de largura. As raízes, pertencentes às árvores implantadas pouco acima do tecto da gruta (faias, nomeadamente) pendem em grande quantidade do tecto e enrolam-se no chão da cavidade, onde bebem a água que por lá corre na época chuvosa

Na tarde desse domingo, em primeiro lugar, tentou-se filmar a Gruta do Tirana (F - no mapa), mas tal não foi possível devido à grande distância a que se situa a entrada, o que implicaria o transporte do pesado gerador num terreno particularmente difícil. De qualquer modo, fez-se uma exploração sumária da cavidade, o que permitiu concluir tratar-se de uma gruta com várias galerias sobrepostas, com formações lávicas "pahoehoe" (o que não é normal, já que estas costumam aparecer à superfície). Turaram-se algumas fotos.

Rumou-se depois até ao lugar das Almas, já no concelho de São Roque, onde se procedeu às filmagens da FURNA DE HENRIQUE MACIEL (ou DO ESTACIO, como também é conhecida), um único e bastante extenso tubo lávico (mais de 1 Km), mas do qual apenas se registaram imagens de 225 metros para montante, já que esse era o comprimento total dos cabos eléctricos à disposição da equipa. Trata-se de uma bela gruta, já devidamente estudada anteriormente por especialistas, como se constata das notas há anos publicadas pelo dr. Victor Hugo Forjaz. Também se procedeu a reportagem fotográfica.



Na parte terminal da Gruta dos Túmulos

Ao fim do dia, já com alguma chuva, regressou-se às Bandeiras, onde se filmou e fotografou parte da GRUTA DOS TÚMULOS (G -no mapa), situada em terreno pertencente ao Albino Garcia. Trata-se de um pequeno tubo de lava (com cerca de 100m de extensão), bastante baixo e; nalguns locais, apertado, mas com formações verdadeiramente espectaculares, quer ao nível do solo quer do tecto. Espanta, com efeito, a grande riqueza e variedade de formações lávicas em tão curta área. Intriga, nalguns casos, já que se torna difícil perceber o percurso da lava que formou tão belo tubo. É uma gruta de visita obrigatória por parte de especialistas na matéria, a fim de se desvendarem alguns dos mistérios com que, a cada passo, se depara. Está de parabéns o Albino Garcia, proprietário desta jóia vulcânica.

No dia 4, a equipa deslocou-se à vizinha ilha do Faial, onde 5 elementos desceram, de manhã, à respectiva Caldeira, cujo fundo exploraram, embora as condições atmosféricas fossem algo adversas. Foi detectada uma cavidade na encosta Oeste da cratera, por sobre uma cascata natural de água, a qual só poderá ser atingida com descida desde a cumeada da cratera, com equipamento próprio. É, todavia natural que se trate de uma pequena cavidade, como é hábito nestes casos, e à semelhança do que acontece na caldeira da ilha Graciosa.

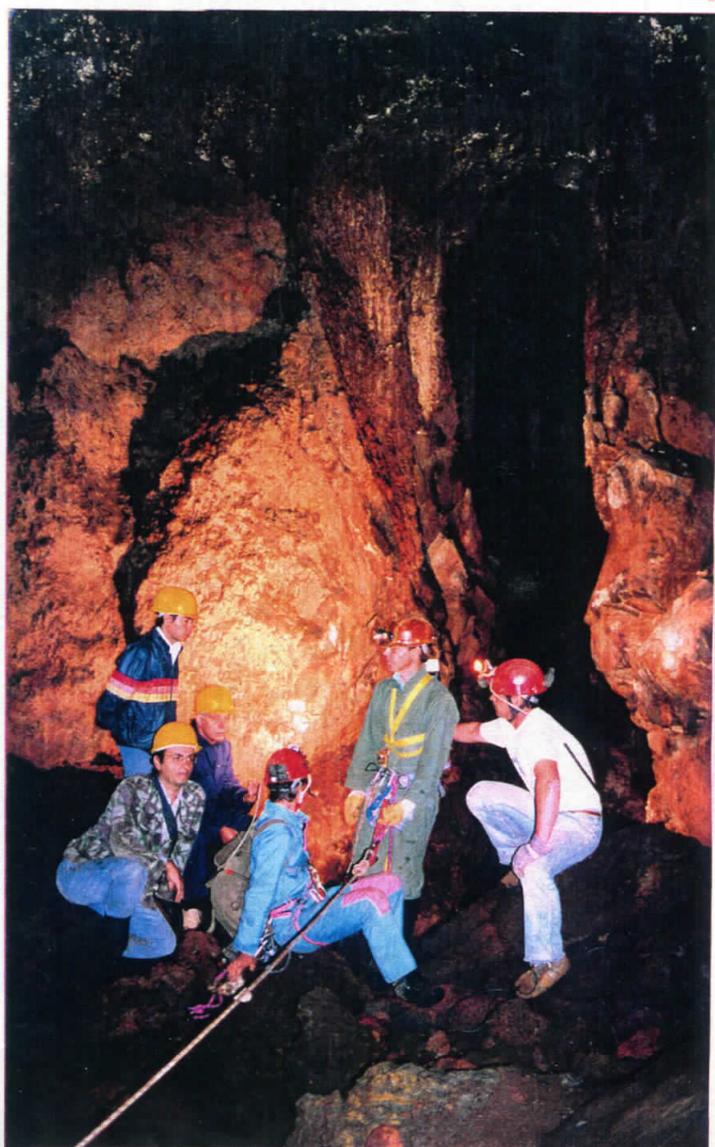
A noite, já no Pico, e por iniciativa do Círculo de Amigos da Ilha do Pico, realizou-se uma projecção de slides alusivos à actividade de "OS MONTANHEIROS" e uma pequena dissertação e explicação por parte do presidente Manuel de Aguiar, perante uma assistência estimada em 30 pessoas. A reunião teve lugar no Externato da Madalena, pelas 21H00, durante a qual foi também exibida uma cassette-video com a retrospectiva, em rapsódia, das últimas incursões de "OS MONTANHEIROS" às grutas e algares terceirenses e picoenses.



Os elementos da equipa, antes da descida à Caldeira do Faial



Na Fuma de Henrique Maciel



No Algar do Miradouro

Estendera-se um veu repleto de mil magoas
Sobre a vasta planície e sobre as nossas fragoas.
Um monstro bem fatal, na funda escuridão
Vae bater aos portões de cada habitação,
Tocando com a dextra imensa e repellente
A fronte da velhice mais do adolescente.
Esse monstro é um mal desconhecido, atroz
A febre que devasta em delirio feroz,
Sem que poupe ninguém, sem dó ou piedade,
No farto povoado ou rude soledade.
Reinava em toda a parte extrema comoção,
As terras sem cultivo a par do furacão,
Que d'um inferno mau, desabrido e cruel,
Atira sobre esta ilha um gelido docel.
Os enterros vão sempre em renovada fila,
Nas ruas aldeãs e nas ruas da villa.

Não sei se conheceis, batido pelo mar,
Ao norte da nossa Horta um pequeno logar,
Com profunda bahia, arêa, algum Recife,
A "Praya" que se chama d'um Almocharife.
E das ondas à beira erguido allí um templo,
Levantado talvez p'ra nos servir d'exemplo,
Que em todas as soidões, aqui, da pobre terra
A lembrança de Deus o peito sempre encerra.

Um dia a oscillar nos braços da maré
Foi à "Praya" arrojado um emblema da fé,
Uma pesada cruz, que sustenta já morto
O filho de Maria, o cordeiro do Hôrto.
D'onde viera assim, que força o conduzio
A'quella rude costa onde afinal surgio ?
A's aves perguntae que crusam vastos mares
Quem é que lhes ensina a buscar novos lares,
Quem a zôna lhes diz onde verão sorrir
Da lêda primavera o magico florir,
O rumo d'essa estrada imensa e sem balizas
Que seguem atravez de brumas indecisas,
Alegres, sem cuidado, em busca d'outra grey,
Entregues à mercê da sacrosanta lei
Que tem sempre por si, que dá vida e dá força
A turbilhões de sóes e à tímida corça !
Debalde a mente humana à luz só da sciencia
Jamais desvendar pode as leis da existencia
No gêlo que reveste a crista dos vulcões,
Na lava que profura em loucos turbilhões
As entranhas da serra arfando com espanto,
E que cobre a nudêz com florescente manto,
O mysterio na terra e no mar e nos ceus,
Por toda a parte o mesmo a fallar-nos de Deus,
Na matutina luz e nos astros eternos,
No sorriso infantil, mais nos arrulos temos
Da mulher que aconchega ao seu peito de mãe
O filho d'esse peito, o seu unico bem,
E que partindo em breve immaculado e puro
Vae na campa gelada em busca do futuro,
Em busca do fulgor d'aquelle anôr sem fim
Que às creancinhas disse : "erguei-vos até mim !"

(Do poema "MERCÊS"-Crónica Açoriana,
Jornal do Grémio Literário Faialense, nº 41, de 1 de Março/1882)

Reinava, pois, a morte em torno à pobre terra
A villa mais a aldeia a mesma fé encerra,
Que um tempo vae chegar de provação cruel,
O ar anda nocivo, a chuva sabe a fel;
E de noite, agoureiro, um soturno bramido
Faz o gado balir d'alto pavor tranzido,
A febre, sempre a febre, em deshumano afã
Quer nas sombras da tarde ou na luz da manhã.

Abrio-se cada igreja e corre allí o povo,
No triste ajuntamento ha sempre espaço novo
D'alguem que se finou em soffrimento atroz
E que inda ha pouco aos ceus erguia a sua voz !
Agora em procissão vae longa romaria
Buscar o Santo Christo à sua freguezia,
Nobreza, clero e povo, uma fila sem fim,
Os frades do convento, o burel, o setim,
Confundidos estão n'um mesmo pensamento
Seguindo alçada cruz, n'um passo grave e lento,
Até que junto ao mar, da lomba mais alem
Aquella vaga humana a espriar se vem
Em torno d'um altar e das torres agrestes,
Que nos lembram na forma o talhe dos cyprestes.
Ao fim d'aquella tarde jaz na villa da Horta
O Christo d'um altar, mas vae de porta em porta
Inda a febre a bater por dias e semanas
Cobrindo de pavor as casas insulanas.

Fevereiro começa immerso em triste veu,
A luz da madrugada espalha-se no ceu
Com pallidez mortal, com demudado aspecto,
Uma manhã assim faz lembrar um espectro
Erguido da mortalha onde estava a dormir,
Correndo espavorido n'um louco fugir.
O mar era de chumbo, adherente, pezado,
Sem uma vela branca, a sós e descampado,
Arcando contra a lei d'extranha maldição,
Como um vasto areal todo desolação,
Imenso, grandioso, atroz e imponente
Sem um roble de pé, nem uma flôr ridente.
No ceu ha nuvens mil de varias cambiantes,
São negras, côr de fogo, esguias delirantes,
Eguaes a grande abutre em busca d'uma prêza
N'um desfilar veloz e raivoza empreza.
O ar vem abafado, em funda quietação
As folhas, no baldio, estendem-se no chão.
Em tudo e em toda a parte o peito entristecido
Vê prenuncios crueis d'um mal desconhecido,
Sem que logre saber d'alli que surgirá
Se a furia de Satan, se a voz de Jehovah !

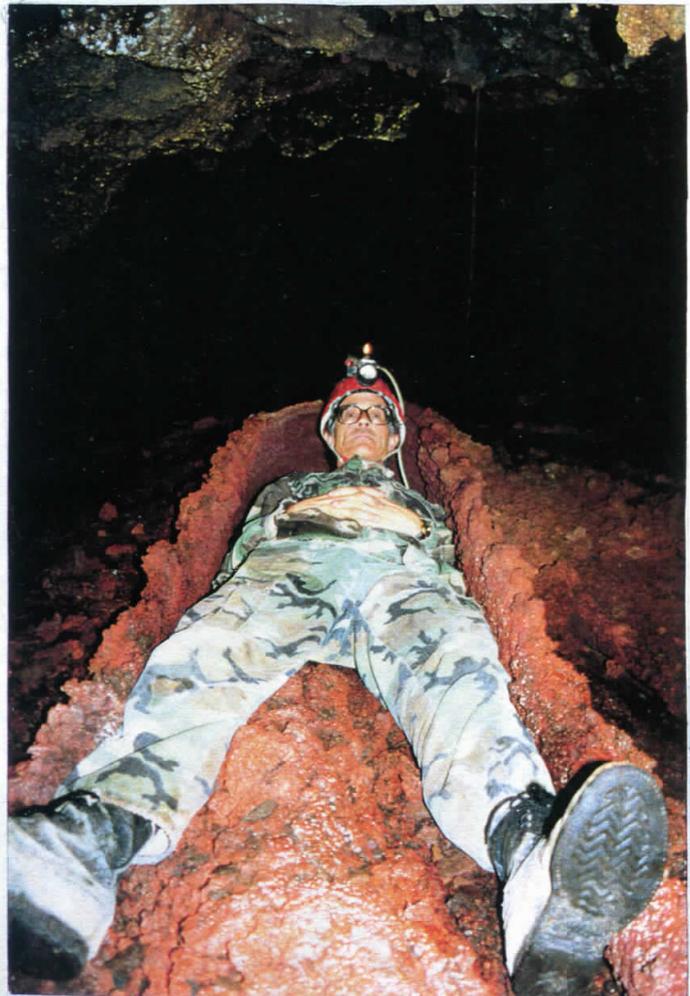
O denegrado cume, escabroso, aprumado,
 Do Pico gigantesco estava recamado
 De vastas solidões de granítico alvor,
 Mortalha glacial attestando o rigor
 Da frigida nortada escondida em segredo
 Ou no profundo abysmo ou por sobre o lagedo.
 Aquella alta montanha encobre um triste veu
 Da serra à beira-mar, da beira mar ao ceu,
 Nem a neve cintila à luz do novo dia,
 Tendo a nudez da morte e da melancolia.
 A baça claridade entomava-se a custo
 No dorso colossal d'esse rochedo adusto
 Começou-se a sentir interno crepitar
 Da comprimida lava engrossada a rolar,
 Semelhante à maré que vasa em pedras soltas,
 Quando a corrente é forte e as ondas revoltas.
 Tremia a terra toda abrindo-se convulsa,
 N'essa tremenda lucta o peito já lhe pulsa,
 Como o peito infeliz de palpitante escrava,
 Quando a voz do Senhor lhe toca um ferro em braza,
 E cresce o estampido mais cavo e profundo
 Igual ao desfazer-se em hastillas o mundo.

Rebenta enfim o Pico aberto n'um volcão
 E treme tudo à voz d'esse horrído trovão,
 Galgando o firmamento um chuveiro de lume
 Que leva no subir das montanhas o cume,
 Retalhados calhaus ascendendo p'lo o ar
 Dispersos pelos ceus, com raiva a voltear,
 Ao tempo que a caudal da mais brilhante lava
 Em forma de serpente em baixo se alastrava,
 Por entre a serra e vall' jorrando em borbotões,
 Vencendo alta barreira em loucos vagalhões.
 E rubro o ceu e mar e mais a terra toda,
 O horizonte vasto estendendo-se em roda
 Reflecte a labarêda, as chammmas infernaes,
 Que berram ao desfazer rochedos colossaes.
 Espectac'lo sublime, immenso, deslumbrante,
 Que fractura o peito estatico e possante
 Da terra virginal no seu viver senil,
 Como se rompê a flôr n'um brinquedo infantil.
 A mina era profunda e a cratera immensa
 Que prosegue a raiva tão furibunda e densa,
 Gretava-se o terreno em fendas ao redor,
 Estridulos canhões que troam ao clangor
 D'essa batalha atroz, deixando a terra espuria
 Cataclysmo final d'uma assombrosa furia !

Na Fayalense plaga illuminada assim
 E fronteira ao cahir d'essa chuva sem fim
 De rutilantes sóes e de cinza abrazada,
 Estava à beira-mar a gente aglomerada,
 De instante para instante em dia tão fatal
 Aguardando o pavor d'um grande funeral,
 Pois na face do mar o fogo sempre accêso
 Caminha, já vem perto, indomavel, illêso.
 Da "Praya" o Santo Christo é conduzido então
 Em frente ao rubro mar, producto do volcão,
 E com Elle n'essa hora abençoada a lava
 Cujo halito mortal as fronteas escaldava,
 A fé repete e diz : - O fogo então parou
 Afundado no mar que tepido ficou !

Minha terra gentil, jardim de lorangeiras,
 Onde s'eleva a palma a par das romaneiras,
 Com grandes pinheiraes e madre-silva em flôr,
 Com maltas rescendendo o mais suave olôr,
 Levado pela brisa, alem, por sobre as ondas,
 Embora ao navegante entre nuvens te escondas,
 E's formosa odalisca entregando-se toda
 A's miragens d'azul que te cercam em roda,
 Visão oriental d um sonho juvenil
 Tens dias d almo sol e tens noites d'abril
 Perfumadas então, enebriantes, lêdas,
 E mil canções d'amor na mente nos segredas
 Ninguém verá assim, no magico sorrir
 A força que s'encontra em ti mesmo a fremir,
 Quando soltando as tranças a transbordar de galas
 Dos teus dias de zanga arrependida fallas,
 Em perfeita nudêz e vindo-te adomar
 Umás franjas de neve e d'escumas do mar,
 E sempre a possuir-te o peito nos convida,
 Quer n'uma flôrea quadra ou noite desabrida.

Minha terra gentil, o teu peito de mãe
 Desde então, até hohe, em paz, votado ao bem
 Foi sanando incessante à voz da Providencia.
 Do passado cruel só resta essa erminencia
 O Pico colossal, que inda a fumar está
 Em clara madrugada e quando o sol lhe dá,
 Alento derradeiro erguido lá do fundo
 Dos abysmos sem fim d'um volcão muribundo !



O "túmulo" do espeleólogo



No dia 5 de Outubro,de manhã, procedeu-se à exploração do ALGAR DO MIRADOURO, situado no respectivo cabeço,na Candelária,e que havia sido observado, de longe, dois dias antes. A equipa desceu com a devida segurança,mas, afinal, a montanha parira um rato. Com efeito,os animais lançados do alto paravam numa plataforma situada no fim de uma rampa de cerca de 30m, a qual,com os devidos cuidados,po- de ser descida por qualquer pessoa. Nessa plataforma,encontravam-se,de facto,i- númeras ossadas de animais,alguns ainda com a corda ao pescoço,e que exalavam um cheiro pestilento,abundando as moscas ao redor. Para baixo da plataforma,ha- via um declive, a pique,de cerca de 6 metros,que foi descido por 2 elementos da equipa,que caminharam por sobre os desabamentos provenientes do tecto e que te- rão obstruído o algar cerca de 20 metros mais adiante. Trata-se,contudo,de uma cavidade com grande amplitude,vista da plataforma onde estão as ossadas.

Na tarde do dia 5, foi filmada a última parte da Gruta dos Túmulos,após uma passagem rápida por uma gruta situada no Alto de Marrocos,e de uma visita ao Ca- beço da Negra.

E terminariam aqui os trabalhos da "SPELEOVIMES-93",dando-se o regresso à i- lha Terceira na manhã do dia 6,a bordo do AVIOCAR da F.A.P.,pilotado pelo capi- tão Alcides,tenente Fernandes e 2º sargento Alves,que aterrou nas Lajes(10H30).

OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

"OS MONTANHEIROS" consideraram a missão bastante profícua, para o que muito contribuíram os apoios logísticos amavel- mente dispensados pelas entidades a seguir indicadas:

Comando da F.A.P.da Base das Lajes;Presidência das Câ- maras Municipais de São Roque do Pico e da Horta;Direcção da Casa do Povo da Madalena;Engº José Andrade Ferreira;fam- ília Castro; José Nunes(José Maria);Direcção do Externato da Madalena;Círculo de Amigos da Ilha do Pico(G.E.A.D.A.); P.S.P da Madalena; Bombeiros Voluntários da Madalena.

Igualmente se agradece reconhecidamente a todos aqueles que disponibilizaram apoio solicitado,e ao qual a Missão não teve necessidade de recorrer.



A chegada ao aeroporto das Lajes. Em cima,à direita: à partida,na ilha do Pico

ilha maior

N.º 89 ANO VI
Director: José António Soares

Dir. Adj. Cristina Marcos Teixeira

CÍRCULO DE AMIGOS DA ILHA DO PICO
Quinzenal - 100500 (IVA incluído)

Porte Pago

15. OUTUBRO. 1993
Madalena do Pico - Açores

ESPELEOVIMES 93

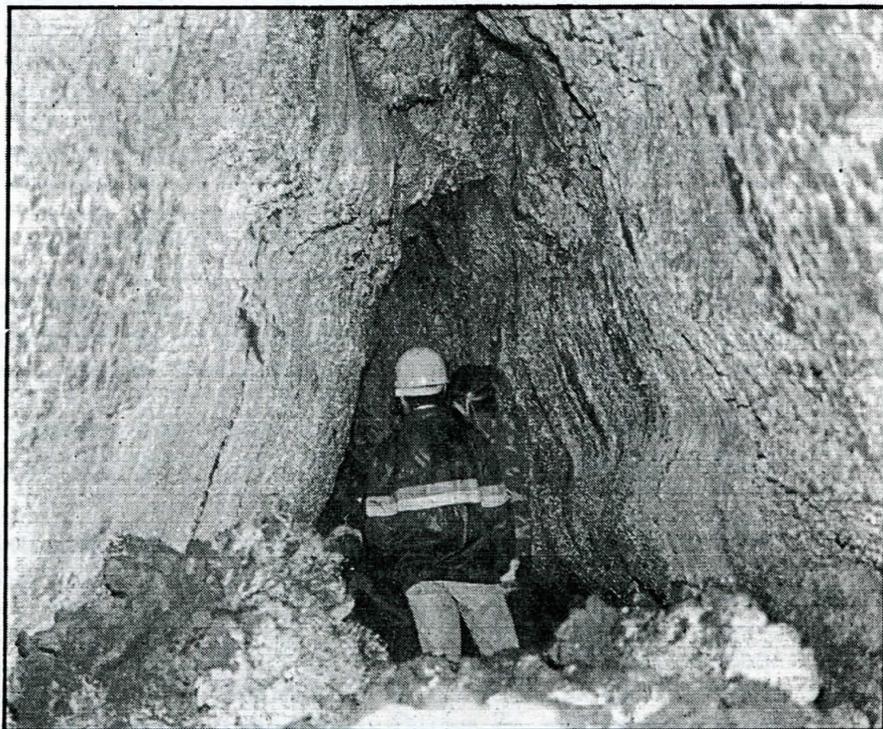
Depois da Missão Torres, ARCOSPEL e de algumas visitas esporádicas à OS MONTANHEIROS ao Pico, cumpriu-se, de 1 a 6 de Outubro corrente, a SPELEOVIMES, expedição de exploração espeleológica programada e calendarizada desde o início do ano.

A expedição teve como motivação principal a exploração da Furna dos Vimes descrita no final do século passado como uma grandiosa gruta com inúmeras galerias, o que ultrapassava os conhecimentos do Grupo de Espeleologia do Círculo de Amigos que havia explorado apenas um único túnel de médias dimensões cujo troço, a montante, fora parcialmente obstruído por terraçoamento dos terrenos adjacentes.

Foi, porém, com curiosidade e esperança que Os Montanheiros subiram até à serra a fim de reconhecerem a Furna dos Vimes. Bonita na arquitectura lávica e formações geológicas onde se destacam verdadeiras estalactites e estalagmites de limonite, verificou-se que, de facto, se encontrava apenas o corredor já anteriormente conhecido.

Há muito que a gruta foi obstruída e a descrição de Ernesto Rebelo transformou-se numa fantasia da imaginação literária cuja realidade a incúria dos homens escondeu no interior da terra. Apesar de tudo valeu a pena a filmagem e trabalhos de espeleometria realizados no local.

Para além desta Os Montanheiros visitaram a pequena gruta do Alto da Arroloa e a Fenda dos Frisos na Candelária, unidade



vulcânica de espectaculares formações que só era parcialmente conhecida pelo Grupo de Espeleologia local dada a falta de equipamento apropriado com que o mesmo se debate. Desta vez foi-se um pouco mais longe mas supõe-se haver ainda muito que desvendar nesta estranha formação de enormes abóbadas sobrepostas e ligadas por alçapões.

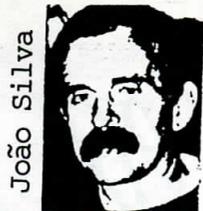
Em Santo António Os Montanheiros filmaram a Gruta do Estácio e, nas Bandeiras, visitaram a Gruta do Tirana e filmaram em pormenor a espectacular Gruta dos Túmulos, uma jóia única em formações de lava. Também foi filmada a Gruta dos Cortiços, no Cabeço-Chão, muito abundante em raízes.

O Algar do Miradouro na Candelária, agora mais atenuado nos odores provenientes de gado em decomposição, foi descido pelos

elementos da SPELEOVIMES e, pela primeira vez, desvendou-se o mistério profundo do interior do Cabeço do Manuel João na Criação Velha com uma descida vertical de cerca de 70 metros. A este imponente abismo, dada a sua configuração, os Montanheiros deram o nome de Algar da Ampulheta.

Nesta expedição Os Montanheiros tiveram a colaboração da Força Aérea Portuguesa, Câmara Municipal de S. Roque do Pico, Casa do Povo da Madalena, Divisão de Obras Públicas, Bombeiros Voluntários, tendo o GEADA - Grupo de Espeleologia Alpinismo e Defesa do Ambiente colaborado com informações de cavidades vulcânicas e orientação em campo.

A.G.



AÇORES

Dos Terremotos, & Incendios mais modernos - VIII

SÉCULO XIX

O século XIX não fugiu à regra quanto à ocorrência de fenómenos vulcânicos nos Açores. Distribuídos pelas ilhas de S. Jorge, Terceira, S. Miguel e Graciosa, quase todos tiveram lugar no mar, junto à costa. A excepção foi uma erupção que surgiu em S. Jorge, no ano de 1808, em que várias bocas de fogo rebentaram na encosta sul, por cima das freguesias da Urzelina e St^o Amaro. Acrescente-se que mais uma vez todas estas irrupções de fogo foram acompanhadas e precedidas de sismos de maior ou menor intensidade.

1800 - ERUPÇÃO SUBMARINA AO LARGO DA ILHA TERCEIRA

No ano de 1801 foi publicado em Lisboa um folheto da autoria de Luís António de Araújo que descreve de uma maneira criteriosa e pormenorizada os fenómenos ocorridos de 24 de Junho a 4 de Setembro de 1800, constituindo a primeira enuneração de acontecimentos deste tipo feita nos Açores, com algum rigor científico.

Uma vez que nos temos debruçado apenas sobre as erupções vulcânicas e os seus efeitos imediatos vamos referir as apreciações que o Ten. Cor. José Agostinho fez sobre o assunto:

"Araújo e os seus companheiros...viram a SSW da ilha Terceira uma erupção vulcânica a qual apenas se revelava por acumulação periódica de uma nuvem proveniente de condensação de poderosos jactos de vapor... Essa nuvem, que primeiro rasava a superfície da água, ia-se elevando, evolava-se, desfazia-se pouco a pouco. Dali por alguns minutos o fenómeno repetia-se, como verificaram os observadores ocasionais de tão interessante fenómeno.

Admitindo nós que as manifestações vulcânicas surgem não a esmo, mas segundo alinhamentos mais ou menos já conhecidos, mesmo quando se dão no fundo de um mar como o nosso cujo relevo apenas se conhece nas linhas gerais, procurámos localizar de algum modo o fenómeno referido por Araújo e fomos conduzidos a supô-lo acontecido na mesma região onde se deu em 1902 a erupção apontada por Chaves (Afonso Chaves, cientista micaelense) e revelada pela quebra e queima do cabo submarino que então ligava o Pico à Terceira"

1808 - ILHA DE S. JORGE: ERUPÇÃO DA URZELINA

"Na última semana de Abril de 1808 tremeu nesta ilha a terra por vários dias. Na noite do último daquele mês para o primeiro de Maio tremeu tão frequentemente que se contavam 8 tremores por hora. Já adiantado o dia, houve um forte abalo, e das onze horas para o meio dia, outro, acompanhado dum espantoso estrondo. Havia tido lugar uma explosão no alto da freguesia da Urzelina.

... A explosão teve lugar por várias bocas, dispostas em linha recta do oriente para ocidente.

Pela mais oriental se manifestou a maior actividade. Nela houve acumulações; as outras foram de simples explosão.

Neste mesmo dia de tarde começou a emissão de lava e de areias (cinza), que pelos ventos cursarem do ocidente foram inundar os campos ao oriente. As línguas de fogo saídas das crateras tocavam os céus: estas também lançavam pedras de todos os tamanhos que caíam como densos chuviros. As diversas crateras que mencionamos não tiveram um aparecimento simultâneo, mas sucessivo até ao dia 3 do mês de Maio, em que o seu número subiu para sete, parecendo na tarde desse dia que a sua actividade abrandara algum tanto; porém na madrugada do dia 4 mais duas crateras se abriram entre as Ribeiras, um quilómetro ao ocidente daquelas e na mesma linha. Parece que por estas últimas crateras as emis-

35

sões sulfurosas foram mais abundantes e maior incómodo causaram. Saiu delas e caiu numa grande área muita terra (cinzas) sulfúrea e pegajosa, que além dos incómodos aludidos fazia abater as árvores em que se acumulava.

Passados 7 dias, no dia 11, brotaram, outro quilómetro mais a ocidente, duas correntes de lava que alagaram um pequeno espaço de terreno exactamente no mesmo meridiano da cratera mais oriental das que em 1580 se abriram acima do lugar dos Mistérios, e poucas centenas de metros ao norte. A ilha ficou cheia de profundas aberturas na linha em que sucessivamente se manifestaram os fenómenos que deixamos referidos.

Poucos dias depois tornou a manifestar-se a mesma actividade nas crateras sobre a Urzelina, havendo abundante emissão de areias, que sempre um vento de noroeste impeliu para o nascente.

Notou-se que a actividade vulcânica aumentava com a enchente da maré.

Nas noites de 16 para 17 começou na Urzelina o curso das lavas. Saíam por uma pequena boca, à semelhança da de um forno, no lado oriental das crateras que se formaram sobre a mesma freguesia. No mesmo dia 17, já alto dia, começou outro fenómeno, para os homens o mais terrível de todos: foi o das nuvens ardentes.

A primeira que apareceu, saindo das crateras e rojando-se pela vertente da ilha revoltou campos e arvoredos, até chegar ao baixo, próximo do mar, onde queimou trinta e tantas pessoas, continuando o seu curso sobre o mar, onde foi lançado uma delas. O curso das lavas continuou dividindo-se em 5 línguas, que chegavam ao mar, e com ele continuou a emissão das nuvens ardentes e raptoras.

Até 5 de Junho continuou pelas crateras a emissão de pedras e de areias, chegando nesse dia às Velas, pelo vento então cursar do oriente.

Desde aquele dia até ao dia 10 do mesmo mês teve lugar a emissão de cinzas que caíram sobre uma grande área da ilha, chegando mesmo a algumas vizinhas.

Então cessou a actividade vulcânica, mas gradualmente; as crateras fumaram ainda por muito tempo, e por muitos anos se percebeu próximo às fendas, que na direcção do oriente ao ocidente se abriram, uma maior elevação de temperatura, assaz denunciada pela vegetação herbácea que cobria o solo.

As lavas conservaram também, por anos, gases sulfurosos.

Dos fenómenos que relatamos, aquele que nos parece dever chamar mais a atenção do geólogo, é o das nuvens ardentes. Saíam das crateras depois de uma síncope da actividade destas. Eram carregadas duma poeira húmida ou polme que, fazendo-as pesadas, as obrigava a correr por sobre a terra, vertente abaixo, para o mar.

Traziam uma terrível força de translação. A introdução da mais leve parte nos órgãos de respiração causava a morte.

Idêntico fenómeno apareceu como vimos em 1580. (*)

A lava de 1808 é a mais tratável que talvez se conheça na história geológica. Muitas partes dela estão já convertidas em frondosas matas. A representação gráfica das crateras e lavas dum e outro vulcão esclareceriam notavelmente a sua história e relações."

(Do JORGENSE, quinzenal político, literário e noticioso, n.ºs 21 e 22, de 15 de Agosto e 1 de Setembro de 1872)

(*) O fenómeno das nuvens ardentes foi tratado com mais pormenor nos PINGO DE LAVA n.ºs 20 e 21

Esta erupção é tratada com bastante desenvolvimento nas seguintes obras:

- NOTAS HISTÓRICAS-ESTUDOS SOBRE O CONCELHO DA CALHETA (S. JORGE), Vol. I, Pags 538 a 560, da autoria do Padre Manuel Azevedo da Cunha, publicadas pela Universidade dos Açores em 1981 e
- ILHA DE S. JORGE-APONTAMENTOS PARA A SUA HISTÓRIA, Pags 431 a 441, de José Candido da Silveira Avelar, datados de 1902, numa reedição de 1990.



1810 - S. MIGUEL: PICO DOS GINETES(?)

Esta erupção é mencionada por Walter F. Walker com poucos pormenores - apenas 4 linhas - na revista *INSULA* do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Vol. XXII, pag. 158), e por Carreiro da Costa, na obra póstuma editada pela Câmara Municipal da Lagoa, *ETNOLOGIA DOS AÇORES* Vol. I, pag. 292, em que o autor sob o título "Abalos de Terra em S. Miguel" escreve que "...Os abalos mais intensos dessa centúria (século XIX) foram sem dúvida os que se deram em 1810 provocados pela erupção do Pico dos Ginetes e em Junho de 1811 provenientes da erupção marítima que deu lugar à ilha Sabrina e a propósito da qual nos referimos...". Carreiro da Costa na obra acima citada, descreve com muito pormenor outras erupções ocorridas em S. Miguel pelo que se acha estranho apenas esta pequena alusão sob o tema Abalos de Terra.

Esta erupção, a ter realmente acontecido, deverá ter sido insignificante, tanto que não é referida no *ARQUIVO DOS AÇORES* por nenhum autor, encontrando-se apenas algumas descrições dos efeitos dos tremores de terra acontecidos na mesma altura, mas certamente de outra origem que não a vulcânica. Refira-se também que Walter F. Walker nas suas descrições das ilhas dos Açores comete algumas imprecisões.

1811 - S. MIGUEL: ILHA SABRINA (Erupção Submarina)*

Acerca deste fenómeno vulcânico verificado há relativamente poucos anos, as fontes de informação mostram-se um tanto confusas, tanto no pormenor das descrições como no particular das datas.

Ernesto do Canto tomou como objectiva e verídica uma carta na qual se encontram curiosos pormenores sobre esta erupção. Nela refere-se que: "Nos primeiros dias do mês de Junho de 1811...os habitantes de S. Miguel foram surpreendidos e assustados com a aparição de um fumo que parecia sair da terra, espalhando-se sobre a parte ocidental da ilha durante 2 dias...passados estes surgiu uma erupção do fundo do mar, num local onde a água contava 50 braças de profundidade, a seis léguas marítimas de Ponta Delgada...e a uma milha da costa. Esta erupção continuou 2 dias produzindo unicamente algumas chamas e fumo...".

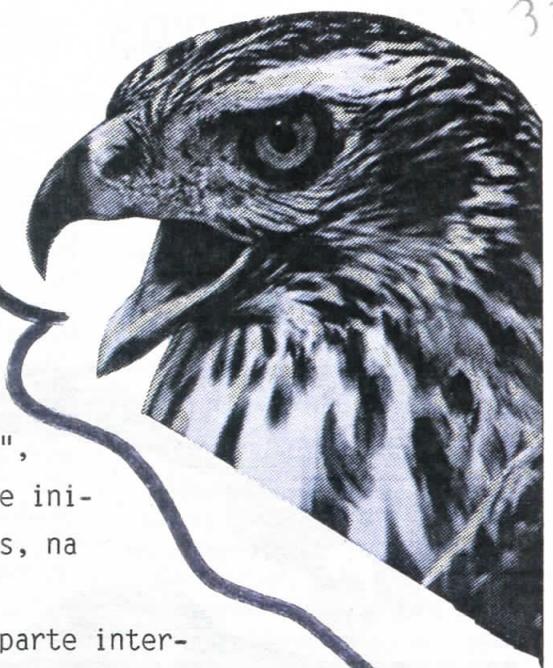
Durante muitas horas desapareceu tudo repentinamente para reaparecer a uma légua mais a oeste e à mesma distância de terra. Este período da erupção terá durado 7 dias aproximadamente e foi certamente a sua fase mais espectacular. Acompanhados de um ruído ensurdecedor e envoltos em chamas e colunas de fumo, enormes rochedos eram lançados ao ar para logo de seguida caírem perpendicularmente sobre o local onde tinham sido projectados. Quando o fumo se dissipou viu-se naquele lugar "uma pequena ilha quase redonda, com cerca de uma milha de circunferência na base e com quase 300 pés de altura, tendo no centro uma bacia de água com aproximadamente meia milha de perímetro. Virada para S. Miguel, apresentava a cratera uma abertura para o mar com cerca de 6 jardas de largo." Estas últimas observações foram na sua maior parte efectuadas pela tripulação da fragata inglesa Sabrina que se ocupou em observar o fenómeno de perto, chegando mais tarde até a desembarcar na pequena ilha onde colocaram a bandeira britânica baptizando-a com o nome do barco a que pertenciam. A partir de Outubro daquele ano a ilha começou a baixar até que desapareceu de todo, embora um fumo leve persistisse em sair por algum tempo das proximidades do baixo.

(extraído, em parte, da *ETNOLOGIA DOS AÇORES* de Carreiro da Costa - edç. C.M.Lagoa/1989)

Embora acontecida 4 meses antes e à distância de cerca de 2 milhas da erupção atrás referida, aconteceu outro fenómeno semelhante com origem no mesmo foco magmático, quase em frente ao Pico das Camarinhas. Com muito menos espectacularidade, visto os materiais mal terem aflorado à superfície do mar, esta manifestação vulcânica teve pouca duração.

*Acerca do assunto publicou o *ARQUIVO DOS AÇORES* (Vol.V, p.448 e seg.) vários documentos e uma excelente gravura colorida.

ASSIM...SIM !



NEM TUDO VAI MAL NO REINO DA NATUREZA!

Durante a recente expedição "SPELEOVIMES-93", tivemos a oportunidade de constatar a excelente iniciativa levada a cabo pelos Serviços Florestais, na Ilha do Pico.

Com efeito, na orla da grande Montanha, na parte intermédia entre os povoados e as pastagens de meia encosta, estende-se uma vasta área florestal, através da qual foi necessário abrir vias de penetração, designadamente para utilização pelos lavradores e pelos proprietários daqueles terrenos.

Embora tal facto possa ter originado o aluimento de alguma ou algumas cavidades vulcânicas, tratou-se de um mal necessário, face às exigências da sociedade actual.

Devido à grande profusão desses caminhos de penetração, os Serviços Florestais entenderam (e bem!) colocar placas sinalizadoras nos cruzamentos, para orientação dos utentes (foto abaixo)...

...EXEMPLO QUE DEVERIA SER SEGUIDO NAS NOSSAS OUTRAS ILHAS !





A ATRAÇÃO DA MONTANHA

(Condensado de «Rocky Mountain Empire»)

Por Fred Gipson

A história de um menino que satisfaz a sua curiosidade e o seu desejo

AQUELA MANHÃ, antes de ter terminado de capinar minha primeira fileira do milharal, verifiquei que não podia resistir mais. Tinha de ir à montanha.

Era uma manhã de maio que se escoava cheia de suaves ruídos. Gôtas de orvalho caíam em chuva das moitas que eu cortava, molhando-me os pés descalços. Lá nas campinas, as codornas azuis chamavam, escondidas no capim alto. E, mais além, na orla do mundo, ficava a montanha redonda, de tópo achataado, alta e azul à distância.

Pensei na capina e na sova que papai me daria quando eu voltasse. Mas o capim que devorasse o milho, e papai que me açoitasse o traseiro até aparecerem os ossos! Joguei a enxada no chão e passei por baixo da cêrca. Olhei uma vez para a casa e segui por um caminho que o gado marcara.

A terra estava macia e poeirenta debaixo dos meus pés. Lá para um lado, havia um mirrado arbusto, com um pássaro corredor pousando no galho mais alto. Esperou que eu me aproximasse, voou, foi pousar na trilha e saiu correndo na minha frente. Vi como corria com facilidade, pensei no seu vôo desajeitado e fiquei sem compreender por que aquêlê velhó comedor de lagartos ainda perdia tempo em voar.

Diminuí os passos para ver se êle queria brincar. Êle também andou mais devagar. Parei e êle parou. Ficou olhando para mim com ar patusco, até que me preparei e corri em direção a êle. Levantou então as asas um pouquinho e saiu em disparada.

Correu na minha frente quase dois quilômetros. Num ponto onde a trilha se bifurcava, êle parou, procurando adivinhar que caminho eu tomaria. Como eu já estivesse bem perto, e me aproximando cada vez mais, acabou metendo-se pela trilha que ia para a esquerda. Fiz como se fôsse segui-lo, e logo me desviei correndo para a direita, gritando e rindo. Preguei uma boa peça àquêlê pássaro!

No local onde a trilha atingia a elevação seguinte, olhei para a montanha. Já devia estar mais próxima, pois eu já andara um bom pedaço. Comecei a caminhar em linha reta, com passos firmes.

Numa curva do caminho, fui obrigado a dar um pulo danado para não pisar numa aranha do tamanho de um bonde. Ela também recuou; era enorme, com longas pernas negras e tôda eriçada de pêlos amarelos. Peguei uma pedra para esmagá-la, mas um bicho, parecido com maribondo, e o maior que eu já vira, chegou primeiro. Mergulhando não sei de onde, pousou bem no meio da aranha e meteu-lhe o ferrão. A aranha pulou para cá e para lá, tentando agarrar o ar com tôdas as pernas ao mesmo tempo. A vespa largou-a e ficou a esvoaçar por cima. A aranha continuou a estrebuchar, até que o veneno a dominou por completo, e então começou a sacudir as pernas mais perto do corpo. Ali mesmo, diante de meus olhos, aquêlê aranhão foi diminuindo, diminuindo, até quase sumir. Nesse momento, a vespa tornou a mergulhar, apanhou-a e saiu voando com ela.

Era a primeira vez que eu via uma coisa assim. Continuei a caminhar sentindo um estranho contentamento. Vira uma coisa que os mais velhos ouviriam com atenção.

Aquela montanha era traiçoeira, pois sempre parecia fugir de mim. A terra do caminho foi ficando tão quente que tive de escolher os pedaços mais cobertos ou correr quando não havia capim. O suor escorria por trás de minhas orelhas. Fiquei com sede. Continuei andando, mas nem gostava de pensar na distância crescente que me separava do balde de cedro com que apanhávamos água. Ou no pão de milho de mamãe. Já passava de hora do almôço quanqo, por fim, alcancei o longo declive due levava ao sopé da montanha.

Talvez nem chegasse a ser montanha; talvez fôsse antes um morro. Mas, para mim, era uma montanha

terrivelmente grande. Era mesmo mais alta que a enorme árvore existente ao lado do laguinho, perto da nossa casa. E eu nunca vira uma coisa tão alta como aquela velha árvore,

Enormes e frondosos carvalhos orlavam as fraldas da montanha, e logo atrás dêles começava a encosta esculpada, que ia ficando cada vez mais íngreme, até terminar numa sólida camada de pedra calcária, que tinha mais de espessura do que eu de altura. Era um lugar de aparência selvagem e desolada, mas ao mesmo tempo grandioso e imponente; tanto que, subindo para lá, tive essa sensação de mêdo e de calma que às vêzes sinto quando entro numa grande igreja.

Encontrei um lugar escondido debaixo das árvores, onde os galhos retorcidos dos carvalhos cobriam uma lagoazinha rasa. Deitei-me de bruços, bebi uma porção de água e lavei o rosto. Depois, sentei-me na margem e meti os pés, para refrescá-los, na lama vermelha e fria que havia no fundo. Disse comigo mesmo que não demoraria muito tempo ali. Mas o lugar era tão escondido e secreto que não queria afastar-me. Nunca me sentira tão sòzinho sem, no entanto, sentir-me solitário.

Levantei-me, finalmente, agarrei-me a um galho de caquizeiro do mato, e comecei a subir. Fui acompanhando uma elevação que corria em sentido vertical, e havia sempre um arbusto, uma rocha ou uma moita de capim onde segurar ou firmar o pé. Mas quando alcancei o rochedo do tôpo, vi que era um tanto saliente, e tive de circundá-lo até encontrar uma fresta por onde pudesse subir. A escarpa era ali mais íngreme, e meus pés provocavam avalanches em miniatura de terra e pedras sôltas. Senti que uma grande pedra cedia debaixo de mim. Agarrei-me a um arbusto de cedro e fiquei pendurado, enquanto o bloco foi rolando com estrondo, até o sopé da montanha. Fiquei muito tempo agarrado ao cedro, até reunir coragem para subir pela fresta que encontrara no rochedo do tôpo.

Cheguei enfim ao cume. E ali, vendo a altura em que estava e a grandeza do mundo que me cercava, fiquei sem fôlego e senti necessidade de agarrar-me a alguma coisa para me firmar. Ouvi um rastejar e voltei-me para ver o que era. Vi um lagarto correndo para uma fenda na rocha em frente à qual eu me encontrava. Foi assim que dei com a ponta da lança.

Estava bem à entrada da fenda, e o lagarto quase a jogara para dentro. Eu nem quis acreditar no que via. Uma verdadeira ponta de sílex da lança que algum índio de verdade tinha perdido na montanha, numa época tão remota que eu nem podia fazer idéia. Era tão longa como a minha mão, marrom, de bordos cortantes ainda perfeitamente afiados e tão polida como se fôra de vidro.

Esfreguei com as mãos as faces lisas. Jamais ousara pensar em possuir uma coisa tão bonita—uma coisa que duraria para sempre e que nenhum homem vivo jamais vira. Pois era impossível dizer quantas centenas de anos estivera ali no rochedo, esperando que eu nascesse e fôsse à sua procura.

Fiquei em pé, segurando a minha ponta de lança, e fitei as campinas verdejantes que iam até o horizonte. Lá para o sul, na direção da nossa casa, uma nuvem rompeu-se, derramando uma cortina azul de chuva. Mais perto, um ciclonezinho de nada desceu do ar e fêz saltar a poeira da planície como um pouco de dinamite explodindo debaixo de um galho sêco. Fiquei ali a olhar. Eu era um ousado e orgulhoso guerreiro indígena, com penas pintadas na cabeça, segurando uma longa lança, com uma ponta marrom de sílex muito aguçada.

Só muito depois do escurecer foi que cheguei a casa. Jamais teria encontrado o caminho, não fôra a luz amarela que brilhava através da janela. Na escuridão, ouvi um ruído de couros e o bater de cascos. Papai estava selando um cavalo.

—Não se preocupe, Mag, dizia êle a mamãe. Nós o encontraremos. Pedirei ajuda ao pessoal de Macy.

Encaminhei-me para uma parte do quintal banhada pelo clarão que vinha da janela e disse:

—Eu estou aqui, papai.

Tentei dizê-lo como se só tivesse ido ao pasto das vacas e voltado, mas não conseguí.

Ouvi papai emitir um som colérico e, depois, mamãe gritar:

—Algodão! Oh, Algodão!

Continuou a repeti-lo, muitas e muitas vêzes, mesmo depois de terem levado para dentro de casa.

Papai aproximou-se e ficou parado à porta, olhando para mim.

—Onde estêve, menino? perguntou.

Afastei-me de mamãe e limpei as suas lágrimas de minha nuca.

—Fui à montanha, falei.

—À montanha! Quer dizer que fugiu e foi até lá sòzinho?

—Sim, senhor, retorqui. Não pude mais resistir. Tive de ir!

Êle olhou fixamente para mim, seu rosto ficou rubro, e apertou os maxilares como eu já o vira fazer.

—Sabe o que você merece?

—Sei, sim, senhor.

Caminhei para a porta e saí para a escuridão.

Atrás de mim, ouvi mamãe dizer:

—Oh! Jess!

—Por favor, Mag, você bem sabe que eu não tenho outra coisa a fazer! disse papai.

Foi horrível; pior mesmo do que eu esperava. Mas agarrei com força a minha ponta de lança e fiz o possível por pensar na viagem à montanha, e não no cabresto que me vergastava.

Senti-me muito melhor quando voltamos para casa. Já estava castigado. Mas olhei para mamãe e não me senti muito bem. Estava sentada numa cadeira, atrás da mesa da cozinha, tendo nos olhos uma expressão perdida, magoada, que eu nunca vira antes.

Eu não conseguia compreender aquilo. Já apanhara; tudo devia estar bem. Por que continuaria mamãe olhando para mim daquela maneira?

Tirei a minha ponta de lança do bôlso e coloquei-a na mesa, diante dela.

—Olhe aqui, mamãe, falei. Veja o que eu trouxe da montanha para a senhora.

Mamãe olhou para a ponta de lança e afastou os olhos, como se aquilo não valesse um caracol. Não pude acreditar no que via. Eu lhe dera a melhor coisa que jamais possuía, e mesmo assim não era bastante!

Subitamente, deixou cair a cabeça sôbre os braços cruzados em cima da mesa e começou a chorar.

—Não se preocupe, meu tilho, disse ela. Só estou chorando a criança que perdi. Parece que você cresceu sem que eu notasse.

Naquela noite, estendi-me no escuro sôbre o meu colchão de palha de milho, e procurei compreender o que se passava. Mas não conseguí. Não podia perceber por que mamãe estava tão magoada com tudo. Não tivera a menor intenção de contrariá-la. Mas a verdade é que... ora, quando os lugares altos e solitários nos chamam, não há como resistir.



GRUTAS MARAVILHOSAS

Quando em 1896, na ilha de Palma, uma das Canárias, o acadêmico francês Martel explorava as grutas de Drach e Manacor, descobriu um lago subterrâneo com 175m de comprimento por 3m de largo.

Além disso, encontrou umas galerias de 800m de extensão, que conduziam a outra gruta que ainda não fora explorada.

Admirado pelas maravilhosas belezas que encerravam aquelas cavidades vulcânicas, exclamou:

"Tenho percorrido as grutas mais célebres do Mundo, mas estas excedem a todas as conhecidas!".

NOTICIAVA-SE HÁ 100 ANOS QUE...

"... a 3 milhas da aldeia de Krisuvik, no grande distrito vulcânico da Islândia, há toda uma montanha composta de argilas eruptivas e de puro enxofre branco. Conquanto esta montanha seja só por si uma maravilha, concentra-se o interesse nesse lugar por causa de uma linda gruta que penetra na parte ocidental até grande profundidade. A entrada principal é um abismo (em forma de racha) com cerca de 60 pés de altura, e apenas 10 de largura. O solo apresenta declive pouco sensível nas primeiras 50 ou 60 braças, e depois mergulha abruptamente como que nas entranhas da Terra. Aqui, a fenda se alarga em uma caverna de proporções consideráveis, com paredes, tecto, chão, estalactites, estalagmites, todos compostos de enxofre puro, cristalizado..."

A PLANTA-ARANHA

Quando em 1904 visitava a região do Cabo Norte, o botânico inglês Welwitsch encontrou uma planta especial a que deu o nome de "Welwitschia mirabilis": a haste media mais de 1 metro de diâmetro, e de altura uns 30 cm. Tinha só duas folhas em forma de cinto, com mais de 2 metros de comprimento, as quais quando a brisa marinha soprava forte, levantavam-se e agitavam-se em torvelinho revoltado em redor da haste, como se a planta tivesse vida.

O descobridor mandou para Inglaterra um exemplar; a que os naturais daquelas regiões davam o nome de planta-aranha.

A PLANTA DO SABÃO

Em 1950, no fundo da Caldeira da ilha do Faial, foi descoberta uma preciosa espécie botânica, com grande valor industrial. Tratava-se da célebre planta do sabão ("sapona"), com a maior utilidade para a indústria da saboaria, pois cada folha produzia espuma equivalente a 500 gramas de sabão vulgar.

Foi analisada em laboratório, verificando-se que produzia uma abundante espuma e fino aroma a alfazema, que se mantinha por longo tempo.

A URZE

A urze brota entre a lava
Como a rosa no canteiro,
Mas é mais independente,
Não precisa de jardineiro.

Vive alegre no seu ermo,
Aquecida pelo Sol,
Ali só ela o contempla
Depois de belo arrebol.

Vive a rosa um só dia
Esplendorosa, brilhante
Depois no caule pendida,
Já não tem nem um amante!

A urze então mais feliz
Fica sempre a verdejar,
É a alegria da lava
Que a sabe muito amar.

Horta, 1900

M.C.A.

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (23)

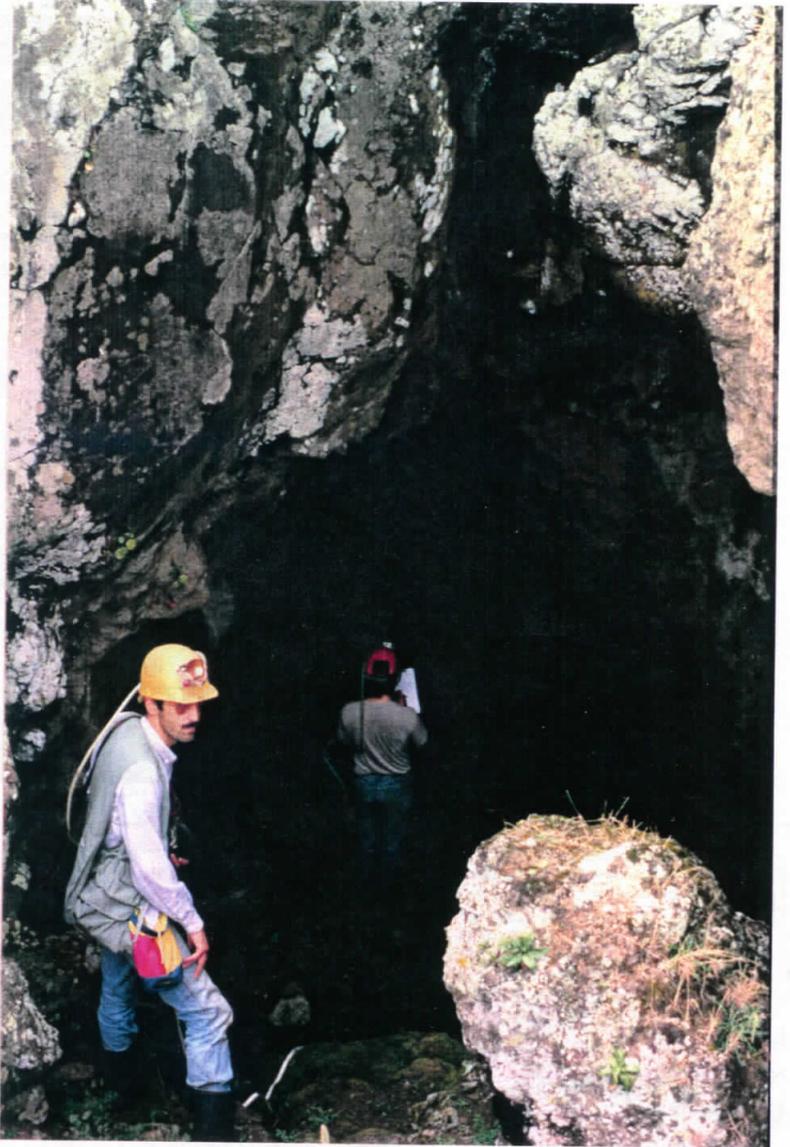
ILHA DE SANTA MARIA

GRUTA DOS ANJOS

A FURNA DOS ANJOS tem os seguintes valores espeleométricos:

- Comprimento total: 117,85m
- Largura máxima: 11,20 metros
- Largura mínima: 0,44m
- Altura máxima: 8,60m
- Altura mínima: 0,65m

Um aspecto da entrada da furna

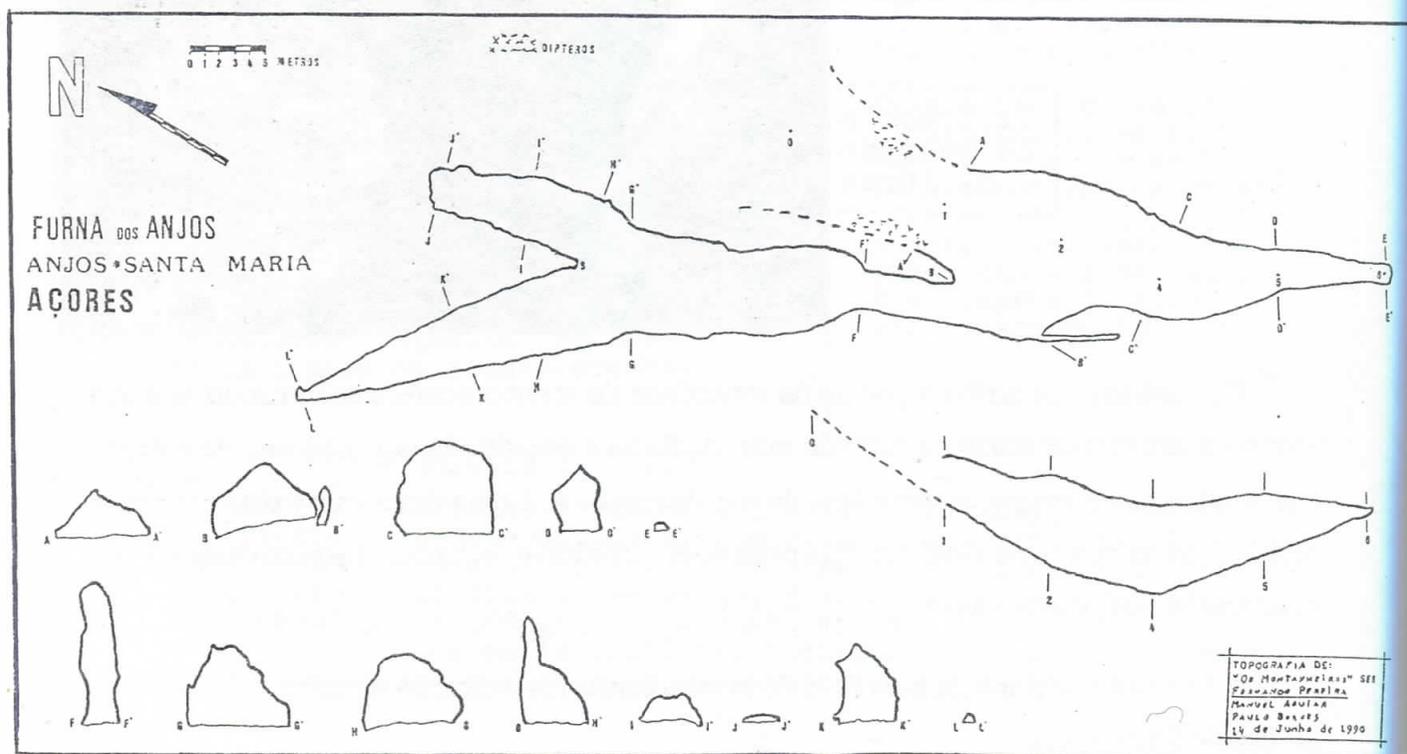


Fica situada na arriba a poente da localidade do mesmo nome, encontrando-se a sua entrada a dez metros acima do nível do mar. A furna é constituída por uma sala de entrada que termina numa rampa de terra fina de cor cinzenta. À direita desta sala existe um ramal subdividido na sua parte final em dois pequenos corredores fechados respectivamente por desabamentos de pedras e terra.

A furna está implantada num filão de basalto conforme indicação na carta vulcanológica da Ilha de Santa Maria.

Atendendo aos materiais soltos existentes no interior, supõe-se ter havido uma exploração de pedra naquela cavidade; no entanto, não conseguimos apurar a veracidade desta suposição.

Esta furna foi explorada por "OS MONTANHEIROS" aquando da EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA-1990 à ilha de Santa Maria e Formigas, da responsabilidade do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, de Ponta Delgada.



TERRA MARIENSE

O LUGAR DOS ANJOS

Na costa norte de Santa Maria, frente mesmo a S. Miguel, numa baía pedregosa, que dois cabedelos limitam, a Praia de Lobos e o Monte Gordo, fica situado o historico lugar dos Anjos.

O mar em frente é baixo e perigoso, com cachopos meio submersos, erichando-se em recifes e colinas, toucados de abundante vegetação, que a maresia arranca dos baixios, para depois lançar á costa, mal começa a bonança.

Estas algas ou limos são optimo adubo para as terras fracas dessa parte da ilha, dando lugar a uma extracção abundante, feita de modo tipico e original, por meio de ranchos de homens e mulheres. Ali, todos á beira mar, muitas vezes com agua até aos joelhos, manejam forcados e ancinhos, com que carregam os ceirões dos jericos e as sebes dos carros de bois, que sobe até aos cerrados mais proximos.

O porto é de difficil acesso, todo de calhau rolado, que o mar bravo arrasta consigo, quando está impante de violencia. Aberto ao norte, o vento rijo, que dali sopra, enrola-lhe vagalhões successivos, que se esfrangalham em montões de espuma, ao baterem nos cachopos do litoral.

Em volta toda a rocha é negra, feroz e abrupta, com furnas e grutas de cenario dantesco, bocarras de monstros fabulosos, mostrando a sua dentuça hiante e carniceira.

A Furna de Santana é um espaço nuido e lobrego, que se continua por duas galerias de fundura apreciavel, a mais extensa e espaçosa de Santa Maria. A ela andam ligadas curiosas superstições, bem gelidos terrores, que se transmitem de geração em geração, nas variantes mais caprichosas!

Quando o mar está manso, ainda alta noite, arriam-se os barcos de pesca, que ficam a pairar nas marcas proximas, pescando meros e pargos, gorazes e badejos, e voltam ao meio dia carregados de abundancia. No regresso, as suas velas brancas, como gaivotas ao lume de agua, bailam ligeiras e frementes, cruzam-se em todos os sentidos, fazendo arabescos bizarros, doudejantes de movimento...

As encostas, os barrancos, não obstante o seu declive rápido, têm remendos de boa terra fundeira, arenosa, saibrosa, que se prestam para o cultivo dos vinhedos, donde se extrai um optimo vinho licoroso, o celebre vinho verde, com justo renome entre os apreciadores dessas redondezas.

Subindo as encostas, que enconcham a pequena aldeia, ha pastagens ingremes e pouco relvosas, onde retouçam rebanhos de gado vacum e caprino, mas em geral de ervas rasteiras e queimadas, em virtude do salgado, que não deixa perseverar nenhuma vegetação.

Nos dias de temporal, com o vento norte, soprando fronteiro, uma nuvem de rossio, agua do mar em gotas, cobre este lugar, numa poeira espessa, que chega a molhar a roupa e não deixa enxergar dois palmos diante do nariz.

E' pequena a povoação, um pequeno lugarejo, uma duzia se tanto de casais, muito brancos e caiados, com alterosas chaminés, rodeando uma ermida modesta, de traça antiga e curiosa, onde se venera com devoção a imagem da Senhora dos Anjos. Esta igreja é a mais antiga da ilha, a primeira construida, logo depois da descoberta, embora tenha sofrido, através dos seculos, variadas reconstruções.

Por essa razão, perdeu em parte o seu cunho primitivo, sendo hoje uma igreja como as demais, mas o seu interior ainda nos chama á evocação das épocas passadas, aos tempos heróicos, quando a sua imagem obrava tantos milagres, ainda ligados á historia mariense.

Lindas coisas nos fala dela a tradição! Milagres, crendices, que a boca do povo espalhou de geração em geração, poetizando-lhe o entrecho, com a inventiva mais fantastica!

Assim, esta imagem foi trazida na embarcação que veio a descobrir o arquipelago, tendo ouvido durante a viagem as orações da companhia, nas horas aflitas de desanimo, quando estava entre o mar e o céu, sem um luzeiro de esperanza. E diz-se ter sido esta imagem que guiou a caravela e a não deixou sossobrar, dando-lhe o rumo de porto seguro, num dos dias mais santos, no dia da propria Assunção da Mãe de Deus.

Para perpetuar o milagre, logo se erigiu esta ermida, ali quasi á beira mar, como o melhor padrão deste feito marítimo. E' que, nas ilhas açoreanas, os padrões usados após as suas descobertas eram pequenas ermidas, votadas aos santos da maior devoção dos mareantes.

Pelo correr do tempo, em plena época da colonização, pensou-se em mudar este templo para o cimo da rocha, onde ficava melhor colocado e mais livre das maresias. Mas, quando começou a mudança, facto insólito fez espantar os alvaneis! Se na vespera os materiais eram

retirados da primitiva igreja para serem levados para o novo sitio, no dia seguinte apareciam intactos nos seus antigos lugares!

E a cena repetiu-se durante uma semana, o que fez considerar o acontecimento como um verdadeiro milagre! De facto, era vontade divina não se mudar o local da ermida, e então, para assinalar o successo, mandou-se erguer no cimo da rocha um alto cruzeiro, que ainda hoje relembra ás gerações o estranho fenomeno...

Em 1493 era esta pequena igreja testemunha de um dos mais comoventos espectaculos do periodo dos descobrimentos! Foi nela que a companhia de Cristovão Colombo ouviu missa em acção de graças, ao aportar á primeira terra europeia no regresso da sua viagem da descoberta da America.

Em 1608 os piratas do Magrebe atacaram Santa Maria, roubaram e saquearam os moradores, tendo cativado algumas dezenas de pessoas, mas é tradição que passaram junto deste templo e não o viram, porque se formou um denso canavial, que ocultou aos olhos dos piratas a casa da Senhora dos Anjos.

Em memoria do successo, ha uma inscrição que alude a esta entrada dos piratas, bem como existe uma vara de ferro, que foi o açoit de que se serviram os mouros para castigar os pobres moradores indefesos. Esta vara ainda está na sacristia, meio carcomida pela ferrugem, sendo objecto de grande admiração do povo mariense.

Hoje, ha ali todos os anos uma função do Espirito Santo, que é muito concorrida no domingo de Pentecostes, dando lugar a uma grande romaria dos lugares vizinhos, porque é sempre afamado o imperio da Senhora dos Anjos.

Tão importante é esta ermida na vida historica da pequena ilha dos Açores, que se supõe ter sido ali, durante algum tempo, a sede de um reduzido oratorio, porque afirma-se «os frades iam passear até ao ilheu deste nome», que fica muito perto do sitio dos Anjos.

E, facto principal, é a Senhora dos Anjos, com a sua legenda — Laeticia Angelorum — o escudo do Municipio de Santa Maria — as armas que melhor quadram a ilha açoreana que tem o nome da Virgem-Mãe de Deus!...

JAIME DE FIGUEIREDO

ANO 54 — N.º 2156

LISBOA, 23 DE OUTUBRO DE 1938

PREÇO — \$50

FUNDADOR
Eduardo Augusto de Sousa
Ribeiro
PROPRIETARIA
E
DIRECTORA
Adelaide Bettencourt
Pereira
EDITOR
S. Coelho da Silva

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES

FUNDADO EM 1884 PARA DEFENDER E ADVOGAR OS INTERESSES DAS ILHAS ADJACENTES

Redacção e Administração — R. 5 DE OUTUBRO, N.º 47

Composição e Impressão — EMP. NACIONAL DE PUBLICIDADE

ANGRA DO HEROISMO — ILHA TERCEIRA

RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78 — LISBOA

Delegação em Lisboa: T. da Arrocheia, 49, 1.º D. — Tel. 64383

APENAS POR UM
ESCUDO EM CADA
MÊS NÃO NEGUEIS A VOSSA
ASSINATURA A
ESTE JORNAL
QUE VIVE POR
BEM DA MADEIRA
E DOS AÇORES

RECORTES DO ALBUM



'Os Montanheiros' continuam a trabalhar

365 degraus para descer até à Lagoa do Algar do Carvão que será electrificada durante as Festas da Cidade

Na última reunião, «Os Montanheiros» aprovaram a construção de uma escada de acesso à lagoa existente no interior do vulcão extinto, conhecido por «ALGAR DO CARVÃO», e iluminação daquela zona, a inaugurar pelas Festas da Cidade.

Deu-se início aos trabalhos no dia 28 de Maio findo, com o transporte da madeira necessária, trabalho árduo por se tratar de pe-

ças pesadas e terem de ser arrastadas até à boca do algar, vencendo um desnível de 60%. Procedeu-se em seguida à descida das peças para o interior do algar, numa vertical de 45 metros. Depois deste desnível os paus voltaram a descer uma rampa de 18 a 20 metros, com um desnível de 50%. Depois, e em plena escuridão, os paus foram arreados numa vertical de 14 me-

tros, à beira da lagoa, exigindo um esforço sobrehumano.

Quando se procedia a estudos para o lançamento do primeiro lança da escada, deu-se um acidente — mestre Manuel Machado Gorgita caiu à água, tendo sido a primeira pessoa a fazer uma travessia da lagoa, a nado.

Em ritmo certo realizou-se já o primeiro lança, com o comprimento de 8 metros e com 37 degraus, prevendo-se o segundo lança com um número de degraus aproximado do primeiro.

Na lagoa, com cerca de 40 x 25 metros e com a profundidade máxima de 14 m., que se encontra a 95 metros abaixo do nível da boca do algar, será lançada uma jangada para levar os visitantes a dar uma volta e observarem os diversos ângulos das abóbadas e

apreciarem a galeria dos Bordões, com a extensão de 6 x 3 metros, onde se destacam estalactites de basalto recobertas de sílica com aspecto escamiforme.

Dentro das estimativas efectuados pelos espeleólogos desta Sociedade, a visita do Algar do Carvão será possível percorrendo 365 degraus.

Pela primeira vez vai ser feita a iluminação subaquática da lagoa.

Por outro lado, processa-se em ritmo acelerado a construção dos muros de vedação da estrada de acesso ao Algar, e será também construída uma placa de distribuição de trânsito, trabalhos que demonstram a constante actividade de «Os Montanheiros», que continuam realizando obra valiosa em proveito da colectividade.

"A UNIÃO" - 4 de Junho de 1970

● ALCAR DO CARVÃO

Trata-se de uma chaminé vulcânica e fica situado quase no centro da Ilha (na Caldeira Guilherme Moniz), sendo uma das mais importantes maravilhas subterrâneas com que a Natureza dotou a Ilha Terceira.

Tem 95 metros de profundidade com galerias de diversos aspectos, com numerosas estalactites e estalagmites (3 abóbadas distintas, uma delas com 80 metros de altura).

De um relatório, especial, elaborado pela equipa do Centro de Instrução Especial do Espeleologia da Mocidade Portuguesa de Lisboa, que na Ilha Terceira se manteve durante 10 dias em missão de estudo e levantamento topográfico dos canais lávicos, especialmente os do «Pau Velho» e «Algar do Carvão», extraímos alguns apontamentos referentes ao «Algar».

UM RELATÓRIO ESPELEOLÓGICO

«... OS «MANTANHEIROS» estão nesta altura (1966) abrindo um túnel que facilitará bastante o seu acesso ao interior, não só para futuras visitas de estudo, como também para exploração

turística. Na realidade, esta gruta apresenta possibilidades excepcionais, graças a uma beleza espectacular, que é um tanto rara em cavidades desta natureza.

«O Algar consiste essencialmente na chaminé de um cone adventício, resultante, provavelmente, do vulcão denominado Caldeira. A erupção deve ter sido do tipo explosivo, uma vez que o magma parece ser ácido, como confirma a existência no interior de grandes quantidades de sílica.

«A configuração da cavidade é algo estranha, pois o magma em ascensão teve de fazer uma curva de quase 90 graus para atingir a superfície. A sala interior tem a forma de uma gigantesca esfera que rompeu lateralmente para o exterior, fazendo, como já se disse, um ângulo de 90 graus. Tanto a abóbada da sala, como pequenas cavidades nas paredes, são de forma esférica quase perfeita, com a superfície côncava muito lisa...»

O QUE SE FEZ

Depois de aberto o túnel, todo entivado, de 40 metros de extensão, foi construída uma escada de madeira com 144 degraus, em 6 lances, de acesso ao primeiro piso do fundo da gruta.

Pelo que compete ao Ministério das Obras Públicas, foi, com a necessária comparticipação do Estado, colaboração e assistência técnica prestada pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização por intermédio da Secção em Angra do Heroísmo da Direcção de Urbanização dos Açores, aberta uma estrada, na extensão de 800 metros, que termina num amplo parque para estacionamento de viaturas, próximo da entrada de túnel. Procede-se agora ao levantamento das paredes, também participado, ao que se seguirá, quando possível, o asfaltamento.

EXPLORAÇÃO TURÍSTICA

O que se fez pouco significa comparado com o que é preciso realizar para uma condigna exploração turística. A escada de madeira durará tempo limitado. Para o acesso à lagoa, é necessário construir outra escada de 14 metros, etc., etc..

Esta sociedade, com cerca de 200 sócios a 10\$00, sem ajudas, sem um técnico que proceda à devida planificação, estudos, cálculos, enfim um apoio substancial, pouco mais pode adiantar de forma a tornar o Algar do Carvão uma real atracção turística com as indispensáveis condições de segurança.

Quanto à iluminação e som, crê-se estar fóra do âmbito da organização.

"DIÁRIO INSULAR - 5/Junho/1970

ALBERTO MONIZ,
"Diário Insular",
30/Maio/1970

A cem metros do solo ILUMINAÇÃO SUBAQUÁTICA NA LAGOA DA GRUTA TURÍSTICA DO ALCAR DO CARVÃO

O PERIGO NA SUA MISSÃO: BANHO FORÇADO...

A Sociedade Espeleológica «Os Montanheiros» aprovou na sua última reunião a construção de uma escada de acesso à lagoa existente no interior do vulcão extinto conhecido por «ALGAR DO CARVÃO». Foi igualmente resolvido proceder à iluminação para a inaugurar pelas Festas da Cidade.

Deu-se início aos trabalhos necessários no dia 28 de Maio findo com o transporte de paus de eucalipto os quais tiveram de ser arrastados até à boca do Algar vencendo um desnível de 60%. Procedeu-se em seguida à descida dos mesmos para o interior numa vertical de 45 metros. Depois deste desnível os paus voltaram a descer uma rampa de 18 a 29 metros com um desnível de 50%.

Em plena escuridão, os paus foram arreados numa vertical de 14 metros o que exigiu esforço quase sobrehumano ficando os mesmos à beira da lagoa.

Quando se procedia a estudos para o lançamento do primeiro lance da escada, o mestre Manuel Machado Gorgina caiu à lagoa tendo sido o primeiro a fazer uma travessia a nado por estas águas escuras e cristalinas e de sabor agradável e muito leve no dizer dos mestres que estão a construir a escada, cujo primeiro lance está pronto e tem o comprimento de 8 metros e 37 degraus. O segundo lance fica com o número de degraus aproximado do primeiro.

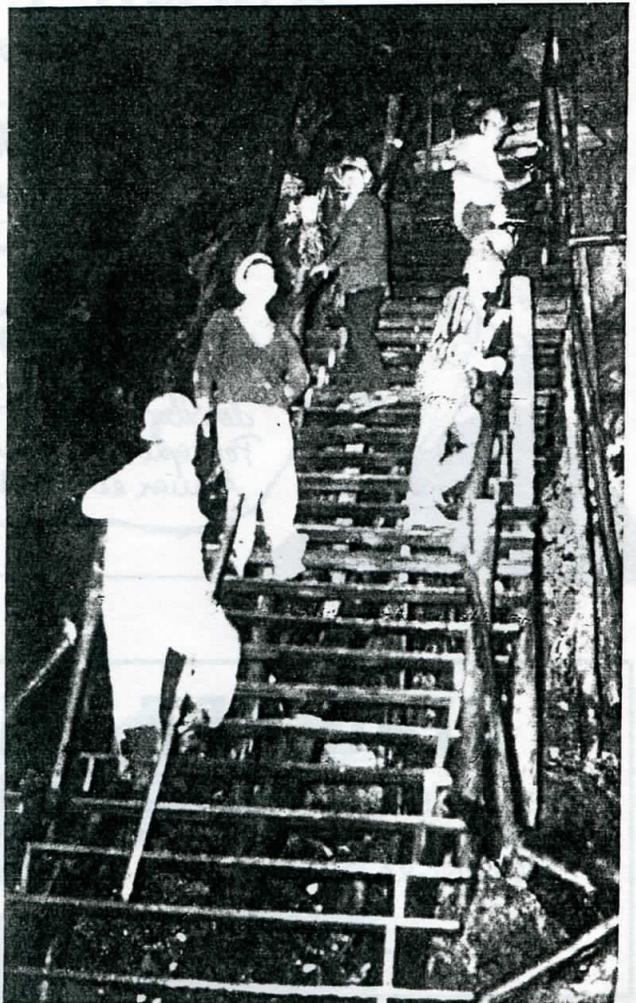
UMA VOLTA PELA LAGOA...

Esta lagoa com cerca de 40X25 metros e com a profundidade máxima de 14 metros encontra-se a 95 metros abaixo do nível da boca do Algar. Nela será lançada uma jangada para levar visitantes a darem uma volta à lagoa e observarem os diversos ângulos das abóbadas e apreciarem a galeria dos Bordões com a extensão de 6X3 metros formada com estalactites (de basalto recobertas de sílica com aspecto escamiforme).

Dentro das estimativas efectuada pelos espeleólogos desta Sociedade, a visita do Algar do Carvão será possível percorrendo 365 degraus.

Pela primeira vez vai ser feita a iluminação subaquática da lagoa.

Processa-se em ritmo acelerado a construção dos muros de vedação da estrada de acesso ao Algar e será construída uma placa de distribuição de trânsito.

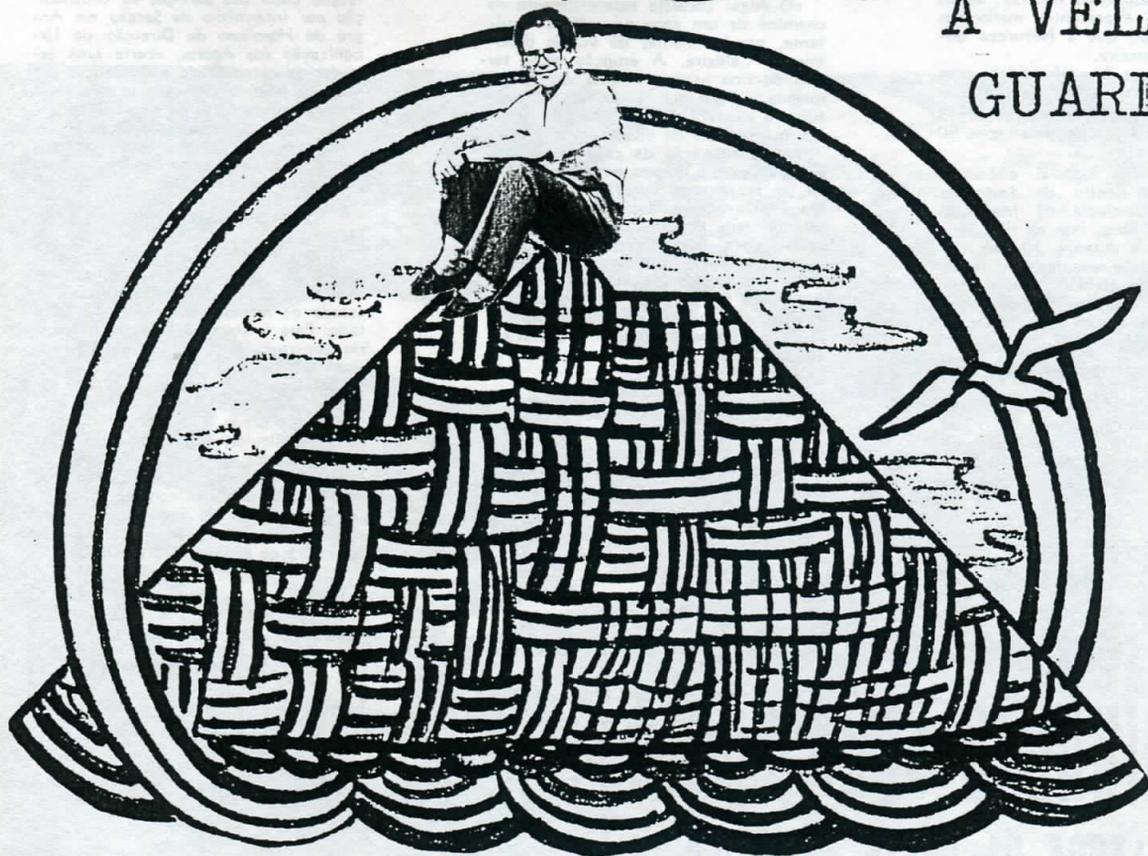


ÚLTIMO PINGO



Ai que cheirinho...
A VIDA E' BELA!

A VELHA GUARDA



O' homem, entã não sês?
São os AROMAS do alto
que o mantêm jovem...!

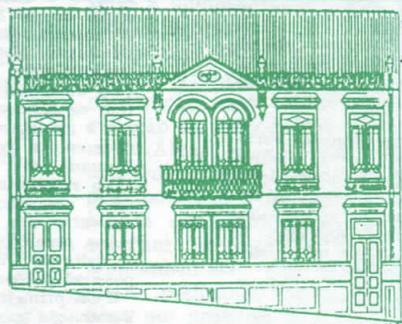
Ai Jorge! Que saudades
dos bons velhos tempos!
Por que e' que aquele
Aguian está sempre novo?



PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO - TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —



47

CENTRO DE CÓPIAS

Fotocópias Laser a cores

Ampliações Multi-página

Fotocópias a preto e uma só cor

Encadernações de vários tipos

Impressão em Camisolas

Pinturas de Cenários

Placares Luminosos

Retratos a Carvão

Artigos Escolares

Plastificações

Autocolantes

Publicidade



MARKETING E PUBLICIDADE, LDA.

CENTRO DE FOTOCOPIAS
RUA DA CONCEIÇÃO 12

9700 ANGRA DO HEROISMO



Ao completarmos 3 décadas de existência, e na esteira de todos "OS MONTANHEIROS" que nos antecederam ... QUEREMOS CONTINUAR A CONTRIBUIR PARA QUE OS AÇORES SEJAM CONHECIDOS E ESTIMADOS. LUTAMOS PARA SE PRESERVAR O QUE JÁ TEMOS E PROCURAMOS EXPLORAR O DESCONHECIDO PARA TORNARMOS OS AÇORES MELHORES E MAIORES !

